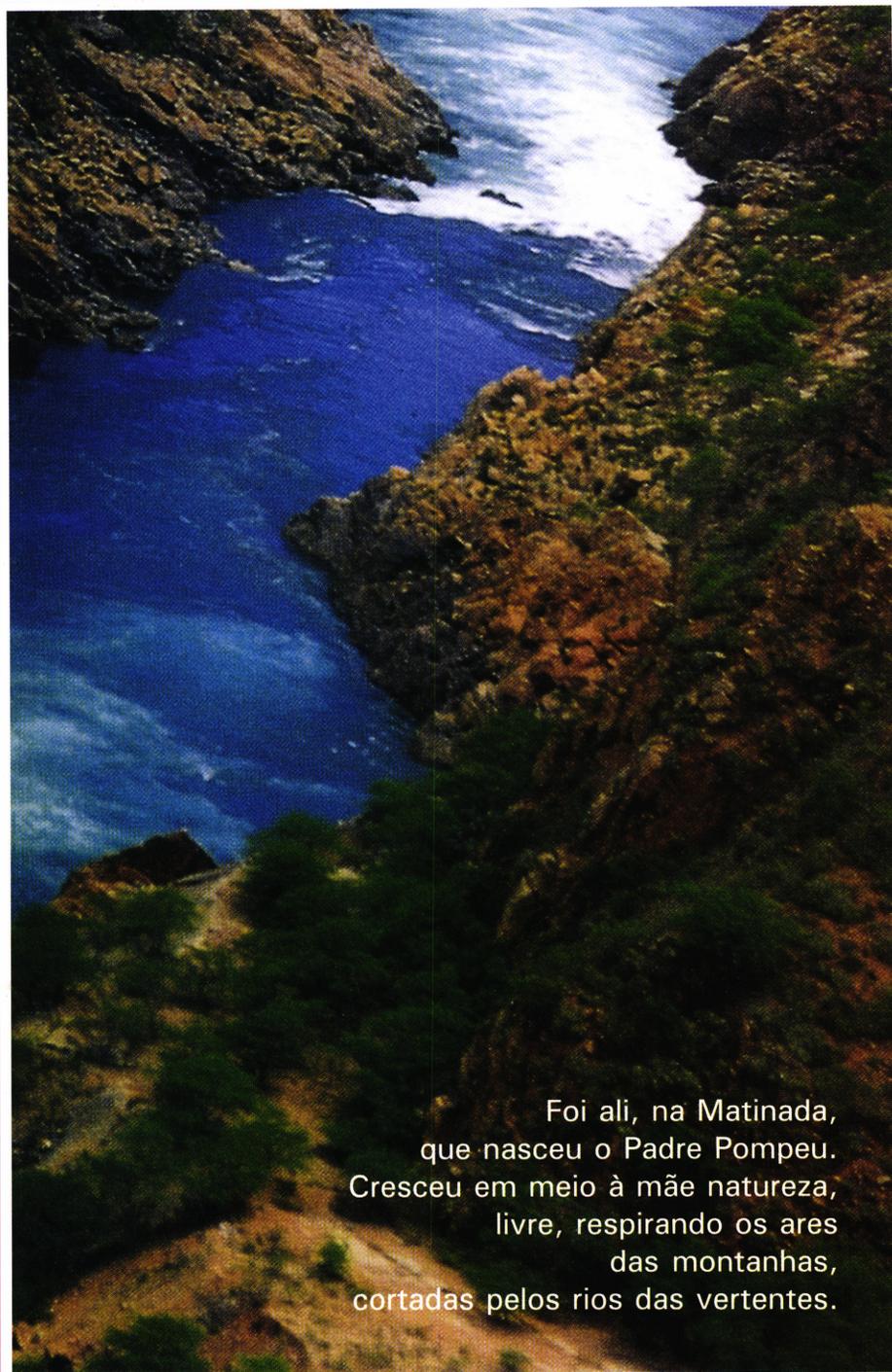


CAMPOS AGUINS DE 39B 036
Geraçalo Pompeu



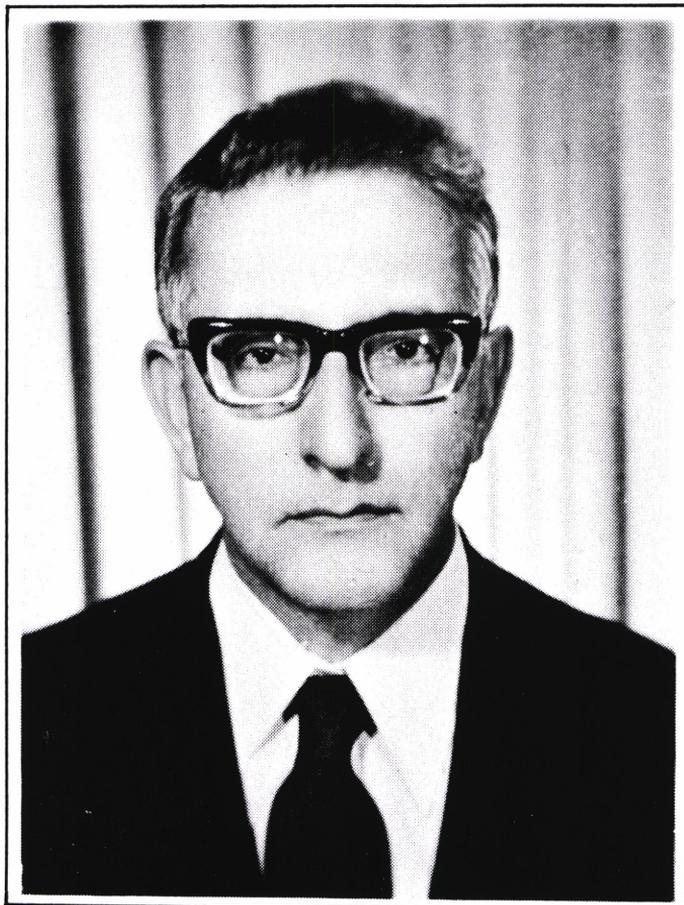
Foi ali, na Matinada,
que nasceu o Padre Pompeu.
Cresceu em meio à mãe natureza,
livre, respirando os ares
das montanhas,
cortadas pelos rios das vertentes.



PADRE
GERALDO POMPEU DE CAMPOS

15 de dezembro de 1916

3 de junho de 1997



INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

"Ministrare sed non ministrari" (Mt 20, 28).

Eu vim para servir e não para ser servido.

Seu lema sacerdotal.
Em Maria, Mãe de Jesus.

Após mais uma das crises graves do coração cansado, que falhava seguidamente, no inchaço que o dilatava e a potência lhe mingua-va, ele viera do hospital para casa. Queria ficar em casa. Seu estado, mais que precário, agravou-se novamente dias depois. Voltou para o hospital. Devia ir para a UTI. Desta vez ele bem que o notou. Era para a partida definitiva, a derradeira.

Os relógios marcavam 17 horas.

Pediu a comunhão. Trouxeram-lhe o Pão do Céu, o alimento dos fortes para a grande viagem. Juntando as forças que lhe restavam e que, rápidas, lhe escapavam, olhou para os que ao seu lado estavam, como num último adeus e disse, claro a sussurrar:

— *Vou para a glória do Pai com Jesus na Eucaristia. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Vou com Jesus para a glória do Pai.*

Foram as últimas palavras que dele se ouviram. Concentrou-se totalmente em Deus. Esqueceu tudo mais. E se foi para sempre.

Eram 22 horas, ao morrer das horas do dia 3 de junho do fluente ano de 1997, quando o médico apareceu e comunicou: "Acaba de falecer". No Hospital Biocor de Belo Horizonte, Minas Gerais.

"Preciosa aos olhos de Deus a morte de seus justos" (Sl 115, 15).

A Inspetoria São João Bosco, após rasgar o coração de suas terras, para acolher em seu seio, com carinho de mãe, o corpo do pranteado filho

PADRE GERALDO POMPEU DE CAMPOS

apresenta aos irmãos das várias Inspetorias Salesianas, aos quais ele esteve em serviço de governo, de fraternidade, de convivência salesiana, e a toda a Congregação Salesiana, um histórico deste generoso irmão, que se doou em toda a vida, na simplicidade de servir no amor a Deus e a Dom Bosco e não teve jamais a veleidade de buscar ser servido.

O calor dilata os corpos. O calor do amor à Congregação expandiu-se, cresceu ano por ano, em sua longa atividade apostólica salesiana e sacerdotal.

No final, o coração orgânico de seu corpo mortal cansou e não suportou mais as atividades de uma lúcida e laboriosa mente. Capitulou! E nós ficamos sentindo, numa esperança-certeza de o encontrar um dia no Paraíso Salesiano, a ausência daquele que nós chamávamos de Padre Pompeu.

ORIGENS

Naquele ondulado de colinas que vão subindo sempre mais, em campos de terras ricas para o plantio, fica o Alto Monferrato.

Nos portais da região, a tradicional e histórica cidade de Castelo Novo Dom Bosco, como é hoje chamada a antiga Castelnuovo d'Asti. Mais para dentro, no alto de uma de suas colinas, um amontoado de poucas casas que se chamou Becchi e que hoje dizemos Colle Don Bosco. Nas distâncias que se perdem no além, os maciços dos Alpes, toucados de neves, no soberto dos alcantis de suas imponentes rochas.

Foi aí que nasceu e cresceu o Pastorzinho dos Becchi. Foi aí que, em sua imaginação infantil e no seu sonho dos 9 anos, despontou-lhe um ideal de vida. Não fora sua tenaz constância piemontesa, a sua e a de sua mãe, Mamãe Margarida, alimentada por uma fé robusta de camponeses, que os fez lutar, suportar e vencer as asperezas, as nevadas, os vendavais da existência, nós hoje, quem sabe, não poderíamos chamar o Pastorzinho dos Becchi pelo fascinante nome de nosso Santo Pai e Fundador Dom Bosco. Ele, tão só ele, nos arrebatou para seguirmos em sua esteira o nosso divino modelo Jesus Cristo.

Sempre o chamaram de "o Mineiro". Por bem tempo, nos inícios de sua vida colegial, às vezes também de "o Caipirão", sem maldade, por causa de sua sisudeza, que vinha da criação e que o marcou por toda a vida. Seu nome sempre teve a sonoridade dos nomes históricos, de um cadenciado helênico: Geraldo Pompeu de Campos. Harmonia de sons romanos.

Em 1916, Carandaí era distrito do município de Barbacena, tendo perto de sua sede os arraiais de Caranaíba, Hermilo Alves. Todos eles nas cumeadas da Mantiqueira, a mais de mil metros de altitude, em plenas serranias do Campo das Vertentes.

Em quantas das vilas e arraiais do divisor, as águas das chuvas que caem nos telhados das suas igrejas, do alto das cumieiras, buscam, ao cair em goteiras, de um lado, os córregos que descem para os rios que vão para o Norte, do outro, os riachos que se avolumam nos ribeirões que enchem os rios que deslizam para o Sul. Eles se alongam, vão se distanciando até alcançarem a imensidão do oceano.

Quantas vezes, conversando e analisando, com o P. Pompeu, o caminho dessas águas das vertentes, terminávamos lembrando que os homens se assemelhavam a elas, e, por caminhos tão diversificados, acabavam todos imersos no oceano de Deus. Os homens, nós, os chamados à vida salesiana, a seguir Dom Bosco, até o céu.

O vento frio varre a morraria, penetra pelos vales, por eles circula, levando uma onda frígida, penetrante. As chuvas se acumulam em nuvens sobre os cumes montanhosos, desabam sobre os vales e conchas, para depois, nas manhãs, levantarem o véu branco, esgarço das neblinas, ou denso das névoas, quando fortes e intensas, elas, as chuvaradas, se verteram sobre a terra.

Ali perto de Hermilo Alves, num típico retrato de casario de fazenda mineira, ficava a Matinada. Em conversas com amigos, a relembrar as próprias raízes, ele contava sua vida de criança, crescida na trabalhadeira das roças mineiras, em meio dos montes da Mantiqueira.

Matinada. Um nome florido que faz imaginar alvoradas, madrugadas de luz, de vidas a se desabrocharem ao calor do sol. Falávamos do estilo das construções, das plantações. As ajudas nas fainas corriqueiras das fazendas, das lavouras de cereais.

Numa valada. Uma fachada de casas tradicionais de fazendeiros médios, erguida no sopé de uma colina mais suave. Quatro janelas, uma porta meando. Para trás o retroceder das salas, dos quartos, a cozinha e um cômodo para despensa. Salas e quartos de assoalho de táboas melo rudes, grossas e compridas. Forro de esteira de taquaras bem trançadas. Por estar a casa na encosta, esta parte dos fundos era mais baixa. Do corredor pequeno, desciam dois degraus para alcançar o piso atijolado.

O quintal com a horta de couve, com os pés de fruta. Muitos. Variados. No fundo, a moita de bambu. Abaixo da porta da cozinha, o rego d'água cristalina e fria; a bica. Ao lado, a pedra de amolar as ferra-

mentas. Mais no fundo, o chiqueiro. Na frente da casa, ao lado, o curral para a vacada, outro menor para a bezerrada apartada. Uma coberta rústica para os dias de chuva. O paiol. Pelos lados, vale adentro, até meia encosta dos morros, as lavouras. Numa e noutra garganta mais fechada, os matinhos, donde brotavam as nascentes água, uma riqueza para toda e qualquer fazenda.

Foi aí, na Matinada, que nasceu o Pompeu, no dia 15 de dezembro de 1916. Seu pai, Francisco Pompeu de campos, ficara viúvo, com três filhos. Casara-se em segundas núpcias com Maria Januária Aquino de Campos. Tiveram quatro filhos. Destes pais, acostumados às lidas do campo, de uma fé cristã tradicional, sem tanta cultura, mas bem arraigada, nasceu o Geraldo.

Cresceu em meio à mãe natureza, livre, respirando os ares das montanhas da Mantiqueira. Em meio aos irmãos mais velhos, do primeiro casamento do pai, que iam deixando a casa paterna, enquanto os mais novos iam aparecendo. Todos na labuta diária da vida de roça. Este cenário da Matinada lhe ficou impresso na memória e no coração por toda a vida. Como o lembraval Dele conversamos na penúltima vez que nos vimos.

Os morros seguidos não deixavam ver horizontes mais amplos. Quando subia em algum deles, era para ver outros mais um pouco além. E, mais além, outros bem mais altos, no azulado, a fazer horizontes. Os montes fechados abafam as expansões, forçam as pessoas a viverem concentradas em si, voltadas para o próprio ambiente de vida. Abafam-lhes as manifestações de sentimentos. Obrigam-nas a se verem e a verem dentro dos horizontes limitados. Tiram-lhes as visões de esperanças, de porvir mais amplo. Fazem-nas seguras, econômicas, no que produzem e a custo possuem. Galgá-los, os morros, fortifica o físico, desperta os anseios de ascensões.

Geraldo acostumou-se, desde cedo, a ouvir bem tudo, a falar pouco. Estar atento às ordens dadas, aos serviços marcados, ao que passava em volta de si, sem demonstrar que estava vendo, notando. Saber ver as cousas, com acuidade. Obedecer, sem discutir. Respeitar. Não falar sem ser pedido. Esperar para perguntar o que não entendia. E a quem perguntar. Com poucas palavras, satisfazendo a curiosidade da idade, numa reserva de expressões, que poderiam ser tidas como acanhamento, timidez, mas, era maturidade que crescia e desenvolvia dentro do ambiente que o envolvia e em que ele vivia.

Aprendeu a querer bem, a sentir-se amado, sem buscar ou querer demonstrações afetivas que pudessem parecer desnecessárias. Tudo isto lhe marcou a personalidade, criou-lhe características por toda a vida, embora na sua formação humana, com o correr dos anos, fosse atenuando os excessos, provindos dos primeiros anos de sua existência. Nele, que recebera da natureza um temperamento forte, determinante, de fibra.

Assim como conhecemos Dom Bosco, conhecendo sua infância laboriosa, o P. Pompeu torna-se mais compreendido, sabendo-se como foram seus anos de criança em Matinada. Ele mal fizera seis anos. Cedindo, vestia uma camisa de algodão, uma calça que chegava pouco abaixo dos joelhos, segura por suspensórios que, passando pelos ombros, cruzavam nas costas. Lavava o rostinho na água gelada da bica. Tomava uns goles de café, comia alguma cousa, quando não em jejum, saía rumo ao pasto, a fim de buscar a vacada para a tira do leite. Já era uma sua tarefa de cada dia. Mãos no bolso, para protegê-las do vento cortante, pisando descalço o chão frio dos trilhos do gado. Caminhava sentindo a frigidez da orvalhada dos capins, das vassourinhas das beiradas, que brincavam, batendo-lhe nas pernas finas, de menino. Encolhia, ao arrepliar da pele, no bafejar dos ventos matutinos das vertentes. No inverno, gelados. Nas outras estações, sempre frios. Acostumava-se. Sua voz de criança, a certa altura, gritava pelas criações: ôu, ôu, ôul E elas iam se levantando, vagarosas. Quando não trazia, apanhava uma varinha de um arbusto e ia tocando as reses para o curral. E começava a ordenha. Aos seis anos, tirava leite, todas as manhãs.

Era, o pai, enérgico, de presença a infundir respeito, certo temor unido a um amor másculo, que coibia maior transparência, típico de sua mineirice.

Então, às vezes, acontecia:

- Pal, a Pintada produziu. Foi lá debaixo do pau d' Óleo.
- Você foi ver?
- Quis chegar, mas, ela estava brava...
- Arre! Ficou com medo?
- Hum... hum...
- Ah! depois a gente vai ver e *arresolve*. Mas vá perdendo este medo.

Aos seis anos andava a cavalo em pelo. Não arreava porque não tinha altura. Era uma festa pelas trilhas dos pastos. Vezes sem conta candelava o carro de bois, buscando lenha, trazendo dos campos tra-

balhados as colheitas de milho, de cereais, para o paiol, para a tulha. Gostava de levar a junta de guia para o caminho mais certo. Gritava com ela, batendo a vara na canga, para endireitar a andadura. Quando podia, arranjava um facão e o colocava na cintura. Era a arma do carreiro. O pai, ao ver, esboçava um tosco riso. O menino sentia-se feliz. Era a afirmação exultante, no silenciar das atitudes, de sua já infantil noção de responsabilidade, de trabalho. Pequeno, agachava-se junto das rodas com o azeiteiro, para silenciá-las ao entrar na vida, ou para colocar carvão, a fim de cantarem pelas estradas a melodia dos carros de bois. Noutras vezes o pai mandava-o ajudar na tropa. Trazia parte de arreame. A tropa pronta, enganchava em cima de um dos burros e saía com ela para os transportes da fazenda. Preferia muitas vezes ir com a madrinha, por causa do tilintar das polacas. Crescendo, já ajudava no arrear dos animais. Ia junto do camarada, imitando, aprendendo a mexer com a tropa.

Quantas vezes o vimos, no aspirantado de Lavrinhas, com o Affonso Reis, o Roque Vallate, cuidando do burro que levava toda a bóia para os aspirantes, nos passeios grandes. Chegados ao local, cuidar de acender o fogo, esquentar a comida e depois distribuí-la para todos os aspirantes.

Aos seis anos, já recebia do pai a tarefa da capina, a desempenhar, em cada dia, na época das lavouras. Para espantar os mosquitos impertinentes que azucrinavam os ouvidos e os olhos, aprendeu, nessa idade, com os adultos, a picar fumo, alisar a palha e fazer seu cigarro. A pitar. Quando não, punha uma rodela de estrume seco de vaca a queimar, para a fumaça espantar os impertinentes insetos. Os anos correram, passaram. Estas lembranças, nós delas falávamos, ponderando as influências que tudo acarretara na vida, na personalidade de cada um. Então passei a compreender mais o P. Pompeu.

Assim foi a infância penosa, dura, daquele P. Pompeu que tanto nos edificou pelo seu equilíbrio, sua energia no proceder, seu espírito de trabalho, seu amor à natureza, às criaturas de Deus. Pela sua sisudeza, sua circunspecção, sua disponibilidade em servir a quem o procurasse, sua capacidade de avaliar, sua prudência em dar um pronunciamento, sua firmeza em assumir decisões tomadas, seu silêncio, sua atenção em ouvir ou calar, ou dar uma resposta no mínimo de palavras que, na sua pouquidão, tudo respondia. O não se esquecer de cumprir o que prometia fazer ou atender.

Na labuta dos campos, a sua foi bem mais áspera que a do nosso santo Pai Dom Bosco. Só que na Matinada, nunca houve a carestia da fome que pelos Becchi passou.

Joãozinho olhava os padres. Ia às festas e romarias com a mãe e os irmãos. O ideal do sacerdócio, em vendo as cerimônias, as procissões, os festejos, surgia em sua imaginação e se transformava num ideal que iria conseguir, custasse o que custasse. Queria ser padre. Padre para os jovens. Mas como? Foi uma longa história. Reverentes, nós a conhecemos em boa parte.

Geraldo, algumas vezes no ano, ia às poucas festas religiosas da vila. Festa de Santana, de São Sebastião. Apreciava as congadas, os reizados, as cavalhadas. Com olhos abertos, alegres, que faziam os lábios descerrarem-se em breves sorrisos, acompanhava o grupo dos pretos, vestidos de branco, de quepes brancos emoldurados de símbolos, com fitas coloridas adornando as vestes, ressaltando sua brancura. Via-os pularem ao ritmo das batidas dos tambores, dos sons das violas, dos chocalhos, das cuicas em gritos e cantos de vozes afinadas. O rei e a rainha, no fausto das insígnias reais, no quadrado de bambus enfeitados, carregados por súditos, concentrados em guardar suas majestades, com seu séquito de damas e de donzéis de honra. Os gritos de guerra, as batalhas, os cantos de vitória. O desfile dos cavaleiros amontados em cavalos com arreios, os peitorais todos adornados com o colorido de múltiplas fitas de papel, empunhando espadas e lanças, também elas todas recheadas de fitas multicores.

Acompanha as procissões. Rezava a seu modo, como aprendera em casa. Sempre rezou. Todos os dias. De manhã e de noite. Ao entrar no mato. Nalgum momento de perigo. Sabia, a seu modo, que Deus o via, o protegia.

Na hora da Missa, olhava para o altar, para o padre paramentado. Gostava de vê-lo no meio do povo, diferente, de batina. Nada dizia. Raramente falou. Mas dentro do coração sentia cada vez mais aquela voz suave, divina, a chamá-lo, a ele, pobre menino de roça, para um dia ser padre também. Padrel Um sonho um tanto em penumbras, em nevoeiros.

A VOCAÇÃO

Em 1922, Carandaí — palmeira d'água — emancipou-se. Tornou-se município. O distrito de Hermilo Alves ficou-lhe de pertença. Dois anos depois, em 1924, o pai, Francisco Pompeu de Campos, deixou a Matinada. Foi com toda a família para uma outra fazenda, em Barroso, a meio caminho de São João del-Rei, carregando as lembranças de Matinada.

Recordava, semanas antes de seu transpasse, que os carros de bois levaram um mês para fazer a mudança toda.

O menino Geraldo, crescia. Magro, esguio, mas forte. Mais que a idade requeria. Entrando na adolescência, aos treze anos. Antônio, o irmão mais velho por parte do pai, foi buscá-lo na fazenda e o levou para a cidade de São Tiago. Ia morar com Maria, irmã também por parte de pai, para estudar. Era ela casada com o médico Dr. Antônio Gaudêncio Neto. Este, em São João del-Rei, daria mais tarde, generosamente, total assistência médica aos aspirantes e salesianos do Colégio São João.

Sua vontade de aprender fê-lo, como o jovem João Bosco, concluir em três anos a alfabetização e os quatro anos do primário. Terminou o grupo escolar em 1931. Com os estudos feitos, cheio de esperanças, falava, agora sem reboços, que queria ser padre.

Em 1931, a paróquia de São Tiago recebeu Dom Antônio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte, para visita pastoral. Falou-se bastante sobre vocação sacerdotal. O arcebispo fundou a Associação para as vocações. Dona Maria foi escolhida para presidente da nova organização. Não tinha ainda terminado a visita pastoral e Dona Maria já entregava ao Sr. arcebispo uma bolsa de estudos completa para um seminarista. Falou, então, a Dom Cabral que seu irmão Geraldo queria ser padre. Ele quis ver o menino. Porém, ao saber que ele era de Carandaí, disse não poder recebê-lo, por ser da Arquidiocese de Mariana. Geraldo, então, atalhou a conversa. Amigo é amigo.

— Tenho um companheiro, daqui da cidade, que quer ser padre também.

Foi ele apresentado a Dom Cabral que o recebeu no seminário. Foi assim, graças à indicação do amigo Geraldo que aquele jovenzinho chegou a ser o Monsenhor Francisco Elói de Almeida, do cabido da Arquidiocese de Belo Horizonte e, mais tarde, pároco de São Tiago.

Passando o irmão Antônio por São Tiago, viajante que era de firmas, condeou-se da decepção e amargura de Geraldo. Prometeu-lhe de procurar um seminário para ele.

Conversando, em São João del-Rei, com o sr. José do Nascimento Teixeira, ficou sabendo do seminário dos salesianos em Lavrinhas. Tinha ele um filho, Henrique, que era salesiano e estudava em Lavrinhas. Ele viria, nas férias, visitar a família. Combinou-se, então, a ida de Geraldo, nesta ocasião, para Lavrinhas. Seu Zeca daria os passos necessários.

Nas férias, o clérigo Henrique do Nascimento Teixeira levou o Geraldo para lá, como estava combinado e havia sido tratado com a direção do seminário. Chegaram a Lavrinhas no dia 22 de janeiro de 1932, às 13h00.

Quando avistaram o colégio, o clérigo Henrique do Nascimento Teixeira disse ao Geraldo que lá não era permitido fumar. Explicou-lhe o porquê. Ele jogou fora os cigarros e fumou um por despedida. Foi o último que pôs na boca, em toda a sua vida. Se aos seis anos o fumar lhe dava um certa autoafirmação, agora deixava para sempre de fazê-lo, na autoafirmação do ideal que buscava: SER PADRE. Como e quanto lhe custou, ele dizia-me, o mês que se seguiu sem um cigarrinho de vez em quando. Mas venceu.

Soi recebido pelo diretor, P. André Dell'Oca. Olhou-o com bondade e com bondade lhe deu as boas vindas. Viu ele, no rapaz de quinze anos, alto, magro, reservado, sério, uma promissora vocação.

No dia seguinte, os novatos foram chamados para fazerem exame de admissão ao ginásio, pelo conselheiro escolar, P. Valentim Cricco. Sabendo que ele, Geraldo, não estudara em colégio salesiano, descartou-o sumariamente. Devia fazer, durante o ano todo, o curso de admissão.

A frustração, nas horas que se seguiram, feriram-lhe fundamente a alma. Tímido, calado, não fez nenhuma objeção. Com um nó na garganta, dirigiu-se para a capela. Não rezou orações que sabia. Ficou a olhar a imagem da Virgem Auxiliadora, o tabernáculo, e a pensar num ano perdido. Ele tinha quinze anos... Mais tarde dirá: — Deus sabe, não foi perdido.

Os companheiros da divisão dos maiores acolheram-no bem. Sentiu-se bem entre eles, com sua alegria e camaradagem. Esqueceram o Geraldo do nome, e o chamavam só de Pompeu. E Pompeu ficou para sempre. Até o fim.

NO CRISOL DAS PROVAÇÕES

Seus primeiros anos de seminário foram de muitas provações.

As peanhas graníticas do beira-mar Elas nos falam tanto. Enfrentam dia e noite, anos, séculos infintos, o bater as ondas. Elas, as ondas, vêm e voltam. Ora na calma das horas, mais fortes nas marés bravas, espumejantes, furiosas nas tempestades, no enraivecer dos marrouços. As penedias perdem com o correr dos tempos suas asperezas, tornam-se polidas, luzidias com o embater constante das águas salgadas do mar. Hirtas, permanecem invictas, desassombradas. E vão atravessando o tempo, resistindo sobranceiras. Vencendo o ímpeto das ondas.

Assim foi Dom Bosco em sua missão. Assim também foi o P. Pompeu em seus múltiplos encargos na Congregação.

O aspirantado de Lavrinhas era materialmente muito pobre. Pompeu foi logo colocado entre os trabalhadores da divisão. Era sempre chamado para cortar, picar lenha para a cozinha. Para lavar a roupa do pessoal todo da casa. Só no ano seguinte, a lavanderia passou para as mãos de funcionárias lavadeiras. Via-se ele como o único da divisão dos maiores no curso de admissão. Por que o padre não o deixara fazer o exame, ao chegar? Teria dado conta muito bem. Por que então? Era duro. Não foi capaz de entender.

Madrugava com outros para fazer o café da manhã para a comunidade. Muitas vezes mandavam-no ajudar na cozinha. Naquela época era costume. Quem não desse conta dos estudos, la embora de volta para casa. Se era de certa idade, era-lhe proposto simplesmente ser religioso, como irmão coadjutor. Ele e o Roque Valliate estavam sempre entre os aspirantes trabalhadores, na maioria, futuros coadjutores. Como, porém, saíam-se bem nos estudos, nunca foram convidados para deixarem o ideal do sacerdócio.

Naquele ano de 1932, estourou a revolução constitucionista. Os aspirantes, por motivo de segurança, ante os bombardeios que vinham de célebre túnel na Mantiqueira, foram mandados para o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo. Foram quase vinte e quatro horas de viagem, de trem da Central do Brasil.

Em vista das circunstâncias, sentiram eles o ambiente de reservas e frieza com que foram recebidos. No Liceu ficaram até o final da revolução. Havia aspirantes de seis estados. Os mineiros eram os mais visados. Estavam no coração de São Paulo. Um assistente gaúcho passava um folheto manuscrito, jornal clandestino, entre os aspirantes, sem que os paulistas soubessem, dando notícias da luta. Descoberto, foi afastado da assistência. O conselheiro escolar reuniu todos os aspirantes num salão e, por bem três horas, esteve falando com eles sobre união, fraternidade, acima de sentimentos políticos. Depois voltaram para Lavrinhas. A soldadesca tinha ocupado o colégio. Encontraram tudo desorganizado, muita coisa estragada, suja, muita sujeira.

Em 1936 estava no quarto ano de estudos, o último, antes de ir para o noviciado. No segundo semestre passou a ser postulante. Aconteceu que no segundo semestre, antes um pouco das terceiras provas parciais, de peso-valor ponderável, o Pompeu adoeceu. Conseqüência do clima, dos muitos trabalhos que executava além dos estudos normais.

Uma pneumonia dupla, como se dizia. Brava. Tratada com ventosas. Tendo uma pequena melhora, foi mandado para casa, a fim de tratar-se no aconchego da família. O Dr. Neto dele cuidou e o salvou. Voltou para o aspirantado semanas depois, magro, fraco, mas curado.

A lei de ensino permitia, ao aluno que perdesse provas por motivo de saúde, fazer, em segunda chamada, as provas perdidas. Não lhe deram esta oportunidade. Foi-lhe dado um boletim, com nota zero em todas as provas. Ele tinha vinte anos. Então a penedia, o rochedo da Mantiqueira vacilou. Desiludido. Quase desmoronou. Foi para a capela e aí, diante da mesma Virgem Auxiliadora, de Dom Bosco, que aprendera a conhecer e filialmente amar, do Tabernáculo, deixou-se ficar. Não rezou orações. Ficou a escutar no coração a voz do Pai. Saiu triste, sem deixar transparecer seu sofrimento. Decidido, foi se preparando para as outras provas e médias de mês.

Naquele tempo, havia em Lavrinhas dois conceitos de avaliação para aprovação no final do ano. Um era o oficial, do governo: nota 40 em cada disciplina e 50 no conjunto. O outro era o do aspirantado: nota 60 no mínimo. Quem não a conseguisse devia repetir o ano, ou deixava o aspirantado.

Tendo em vista as provas perdidas, o esforço do Pompeu devia ser hercúleo. No final, o resultado foi satisfatório. Porém, em química não alcançara os 60.

Sucedeu que o noviciado foi suspenso naquele ano de 1937. O Instituto Teológico Pio XI fora transferido do Chora-Menino para o local do noviciado, no alto da Lapa, na Capital paulista. A turma de postulantes deveria prolongar o aspirantado por mais um ano, fazendo com antecedência o primeiro ano de filosofia, juntamente com o quinto ano do ginásio. No Capítulo da Casa (Conselho) havia os que queriam que o Pompeu repetisse o ano, ou ficasse coadjutor. Por não ter atingido os 60 na química.

O bom senso do conselheiro escolar, P. Ladislau Paz, se opôs, propondo que ele fizesse normalmente o ano seguinte, tendo em vista que oficialmente fora promovido e perdera as terceiras provas. Se fracassasse, então se estudaria o que fazer. Confiava na capacidade dele. Foi deste modo que ele conseguiu salvar o ano e cursar o primeiro ano de filosofia, em 1937.

E foi também neste tempo que Deus Pai chamou para o seu Reino a mãe, Dona Maria Januária Aquino de Campos. Morte de mãe, ao longe, é sempre uma dor, compreendida somente por quem por ela passou.

Durante o aspirantado, nos quadros de classificação dos alunos, ele esteve sempre entre os quatro primeiros. Na turma dele, ficava o José Dernit em primeiro lugar, porque o João Modesti deixava, conservando para si o segundo lugar e não permitindo que o gaúcho Antônio Castilho, sequioso de colocação, passasse do terceiro lugar. O quarto classificado era sempre o Pompeu. Nos certames de catecismo, no final do ano, conseguia classificar-se entre os cinco primeiros colocados. Era assim sempre premiado.

Tanto no aspirantado como no filosofado e no teologado, o Pompeu tomava parte nas peças teatrais, com papéis importantes. Pela sua natureza, seu porte alto e magro, sua capacidade de interpretação. Era um bom ator. Os personagens sérios nele se encarnavam com perfeição. Os cômicos, na totalidade. Fazia-os bem por demais, sobretudo os de caipira. Com toda naturalidade. Daí a brincadeira de todos o apelidarem de "Caipirão". Ele nunca demonstrou se gostava ou não do apelido. Mostrava-se indiferente. Mal sorria.

Penso que o ápice do Pompeu como ator foi na alta comédia *O Pequeno Parlense*. De simples e grosseiro carroceiro da Convenção tornou-se um heróico e rude marechal de Napoleão Bonaparte. Por ordenança tinha o P. Sebastião Romano Machado. Por pequeno sobrinho, o Gastão Arreguy. Um dia o P. Pompeu iria atendê-lo, na hora da morte, em Belo Horizonte, acompanhá-lo na sua partida para o Reino de Deus.

Em 1937 eu era o maior da divisão dos menores. No salão do teatro me assentava no último banco, junto do meu sempre lembrado e estimado assistente, ainda hoje o meu caro octogenário P. Alfredo Bortolini, ex-inspetor da Inspeção São Pio X, do Sul do Brasil. Eu me lembro do venerando P. Aníbal Lazzari, proecto professor de línguas clássicas, de música e de canto gregoriano, sábio confessor. Pouco tempo antes de morrer, sentado junto dos demais superiores, segurando com as mãos o ventre inchado pela doença dos rins, dizia aos arrancos que o riso lhe provocava:

— Ail Pompeu. Você me mata de rir. Ail Pompeu... você me mata...

Em 1938 foram duas turmas juntas para o noviciado, em São Paulo, no bairro do Ipiranga. Receberam a batina das mãos do alquebrado e envelhecido arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, no dia 30 de janeiro, as primeiras vésperas da festa de São João Bosco. O Pompeu tinha, nesta ocasião, 22 anos de idade. Era um adulto, maior de idade.

A trajetória de sua vida até então criara nele uma personalidade tipicamente marcada pela mineiridade. O que é do temperamento não se destrói; educa-se. Em muitas cousas ele mudara. Tantos tinham sido os embates da vida.

Para amoldar mais seu caráter, fazê-lo buscar a santidade, ainda teria muitas provações que lhe amargurariam os sentimentos e a peleja pelos seus ideais.

Na véspera dos votos, no dia 30 de janeiro de 1939, foi conversar com o Padre Mestre e saber se fora aceito para a profissão. Se poderia fazê-los no dia seguinte, como era seu ardente desejo. Depois de tanto tempo a sonhar em ser salesiano... E ouviu esta opinião: — Infelizmente você não foi aceito. Você é muito fechado. Você não irá além do primeiro ano de votos. Por que não se mostra como fulano, beltrano, sicrano... alegres, abertos, dados com todos? Humilhou-se, agradeceu, beijou a mão do Mestre e saiu.

Dirigiu-se para a capela. Não rezou. Ficou olhando o Tabernáculo. Depois olhou para as imagens da Auxiliadora e de Dom Bosco. O coração se lhe apertava amarfanhado. Não chorou. Relembrava sua caminhada tão árdua, tão cheia de tropeços. E ali ficou até sentir-se calmo, bem mais calmo. No dia seguinte entregou-se a Dom Bosco por toda a vida, emitindo os primeiros votos trienais. Doação total, sem nenhuma incerteza. Sentiu uma grande alegria, íntima.

Quando me contou isto, muito mais tarde, constatamos que fulano, beltrano e sicrano tinham deixado a Congregação e o outrem ficara, mas dera muitos trabalhos aos seus superiores, coitado.

SALESIANO

Após o noviciado, voltou, com os colegas neo-professores, para o estudantado filosófico, em Lavrinhas. Ia iniciar o segundo ano de filosofia. Recebeu, com mais um colega, o encargo de tomar conta do oratório festivo de Pinheiros. A velha e pequena cidade onde o Imperador Dom Pedro II se hospedava em viagem do Rio para São Paulo, estava em decadência. Não tinha pároco. Distava quase três léguas de Lavrinhas. Os catequistas levantavam-se às cinco horas da manhã, assistiam a Missa, tomavam café e partiam a pé. Após um dia intenso, estafante de vida oratoriana, voltavam, para chegarem em tempo de participarem do canto das Vésperas, às 19 horas.

Foi nesta época que começou a sentir a falta de não ter aprendido um

um pouco de música e de canto. Quando pediu para aprender, ao chegar no aspirantado, o mestre de canto lhe dissera:

— Galo velho não aprende a cantar. E ele não pôde aprender a cantar.

Nas segundas-feiras, havia um professor de renome que, infalivelmente, chamava à lição os clérigos catequistas. Pedagogia forte para formar neles o sentido do cumprimento do dever de estudante. Não era sempre fácil.

Era o ano de 1940. O novo inspetor salesiano, P. Orlando Chaves, dera início à campanha das mil vocações. Para isso viu-se obrigado a lançar mão de alguns elementos das três turmas do curso filosófico para o trabalho de aulas e de assistência. Alguns de nós fizemos: uns 4 e outros, 5 anos de assistência. Assistíamos os aspirantes, alunos, dávamos aulas e estudávamos ao mesmo tempo. Como nos tempos antigos da Congregação e da Inspeção, até que o P. Pedro Rota normalizou as etapas de formação.

Alguns dos sacrificados superaram os estudos com brilhantismo. Outros ressentimos de certo modo, no período dos cursos seguintes, a irregularidade, mas, ganhamos na experiência da vida salesiana e, com o tempo, procuramos suprir as lacunas, com empenho e estudos. O clérigo Pompeu e seus colegas das duas turmas de noviciado foram para São Paulo, a fim de prestarem vestibular e freqüentar a Faculdade de São Bento, para tirarem os títulos de magistério que o governo estava exigindo. Saiu-se muito bem. Porém, o P. Inspetor chamou-o, pediu-lhe que cancelasse a matrícula e voltasse para Lavrinhas. Devia ser o assistente nosso, recém-professor, que devíamos fazer o primeiro ano do curso filosófico. Seria também professor dos aspirantes e enfermeiro da casa. Teria, ao mesmo tempo, aulas particulares do restante da filosofia que lhe faltava para completar o curso. Nós o vimos, quantas vezes, de pé, altas horas da noite, de madrugada, com a luz fraca, pendente sobre o livro aberto, estudando as matérias, após um dia cheio de assistência, aulas, enfermarias.

Em 1941 foi para o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, para ser assistente no externato e freqüentar a Faculdade de São Bento. O catequista do Liceu pediu ao P. Inspetor que o deixasse ser assistente no internato, da divisão dos maiores. Assumiu a divisão. No primeiro dia de aula na Faculdade, faltou um professor no internato. Mandaram-no substituí-lo. Fê-lo. À noite o P. inspetor chamou-o e perguntou-lhe se ele fazia questão de fazer a Faculdade. Caso contrário, ficaria de vez assistente e professor no internato. Ele respon-

deu que a única coisa que desejava era ser um bom padre salesiano. O resto ficava por conta dos superiores. Faria o que eles determinassem. Seu horário de Faculdade no São Bento foi preenchido por aulas para os alunos internos do Liceu.

Os anos de 1942 e 1943, ele os passou como professor e assistente dos maiores no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas. Eram 130 rapazes acima dos 16 anos. Se uma nota lhe foi dada neste período de assistente e professor, em vista da prática do sistema educativo de Dom Bosco, de sua ascendência sobre os alunos que o estimavam sobremaneira, essa nota só pôde ser **excelente assistente e competente professor**.

MAIS PERTO DO SACERDÓCIO

Em 1944, abriram-se-lhe as portas do estudantado teológico, para a última etapa de estudos sacerdotais. Era o dia 29 de fevereiro, quando entrou no Instituto Teológico Pio XI, em São Paulo, no alto da Lapa. O Instituto abrigava todos os estudantes das diversas inspetorias do Brasil, como haviam estabelecido os superiores maiores. Corria-lhe tudo bem. Feliz, se engolfava nos estudos, sem nenhuma outra preocupação. Dedicava-se com prazer aos estudos bíblicos, em plena fase de renovação. Por eles era um apaixonado até nos seus últimos dias de vida. Já estava nos dois últimos meses de aula, quando foi chamado ao escritório do diretor. O P. Inspetor pedia-lhe que fosse a Campinas tomar conta da divisão dos maiores, porque o assistente, clérigo Raimundo do Nascimento Teixeira, adoecera gravemente. Talvez ficasse lá até o último dia de aula. Arrumou a mala. Nela colocou alguns livros de aula. Quem sabe haveria sempre um tempinho para estudar o resto das matérias. Partiu. Lá ficou em Campinas por um mês e meio. Assistindo, dando aulas.

Ao voltar, o ano findara. Perdera os exames da Lapa. Preparou-se para prestá-los logo. Eram exames finais do ano. O Conselho da casa não concordou. Devia repetir o ano. Isto era um caos naqueles tempos. Mas perdera só aqueles exames e as aulas de umas cinco semanas... estava preparado, que lhe tomassem os exames. Nada conseguiu.

Foi então para a capela. Não rezou. Ficou olhando o Tabernáculo, Maria Auxiliadora, Dom Bosco. Recordava sua vida passada, o tempo que perdera, e agora no final... Por que, agora? No silêncio da humildade, o Espírito Santo lhe indicou o caminho. Procurou o P. Inspetor e contou-lhe o que estava acontecendo. Este deu ordem imedia-

ta para tomarem seus exames finais. Assim, não passou por mais uma dolorosa prova de perder um ano de estudos, na conquista de seu ideal sacerdotal.

No dia 6 de dezembro deste ano de 1944 fez sua profissão perpétua. No coração já se entregara por toda a vida a Dom Bosco, desde os primeiros votos. No ano seguinte, além dos estudos, foi designado para ser catequista, nos domingos, no oratório festivo do Bom Retiro. No ano seguinte, já no terceiro de teologia, o P. Diretor pediu-lhe que tomasse conta da enfermaria da casa. Trabalho delicado, penoso, pois, tantos eram os casos de estudantes que chegavam dos provados anos de tirocínio, com múltiplos problemas de saúde. No final deste ano, foi, como enfermeiro, o bom samaritano, um irmão dedicadíssimo para o nosso companheiro Benedito de Almeida que, por setenta dias, foi definhando, levado por uma enfermidade renitente, até ser chamado pelo Pai para seu Reino, no dia 2 de dezembro.

Durante o período de estudos foi recebendo os Ministérios. Depois, as Ordens: o subdiaconato, no fim do terceiro ano; o diaconato, no princípio do quarto e último ano de estudos. Era costume do estudantado de os diáconos fazerem um sermão, no mês de maio, perante a mais crítica das platéas. Quantos casos interessantes! O diácono Pompeu falou da caridade no serviço aos irmãos, à imitação de Maria, a Mãe de Jesus. Pompeu foi sempre caprichoso com a língua portuguesa e de uma riqueza invejável de vocabulário.

Nesta ocasião deu brincadeiras quando disse: — "quantas vezes somos incoerentes em nosso agir. Damos mais importância em socorrer um *sabujo* que vemos sofrendo na rua e não acudimos um irmão que sofre ao nosso lado". O sabujo rendeu.

No dia 8 de dezembro de 1947, pela imposição das mãos de Dom Antônio Maria de Siqueira, bispo auxiliar de São Paulo, mais tarde arcebispo de Campinas, recebeu a ordem do Presbiterato, no santuário do Sagrado Coração de Jesus, no Liceu Coração de Jesus de São Paulo. As ordenações sacerdotais de fim de curso, na Lapa, foram sempre grandiosas, pela beleza litúrgica, pelo espírito fraterno que reinava, pela importância na vida salesiana do Brasil. Chegara enfim à meta final de seus sonhos, de seu ideal. Era padre e padre salesiano. Tinha 31 anos e idade. Dom Bosco também muito lutara, mas conseguira seu sacerdócio, aos 26 anos de idade.

Durante o retiro espiritual em preparação para a ordenação, o P. Inspetor falou com o diácono Pompeu. Tinha este pedido, tempos antes,

para ir para as Missões salesianas. Ele e alguns outros colegas. Então o P. Orlando Chaves disse-lhe:

— O Giacomino, depois da ordenação, ia ser ecônomo no Colégio São João, em São João del-Rei. Mas os superiores o estão destinando para as missões da China. Já falei com ele. Você tem aqui seu pedido para ser missionário. Olhe, eu vou rasgá-lo. Você vai no lugar do Giacomino para São João del-Rei. Aceita? E rasgou o pedido para as missões.

O tempo foi correndo e o P. Pompeu foi cumprindo as missões que os superiores lhe foram confiando. Um dia me disse: "Hoje vejo que Dom Orlando foi guiado pelo Espírito Santo. Estava certo".

Padre, para sempre Padre!

Ao ser ordenado presbítero, pusera sua vida a serviço da Congregação para servir a Igreja, na imensidão da seara das almas, sob o auxílio e a proteção de Maria, a Mãe de Jesus. Recordava São Paulo aos Romanos: "O amor seja sincero. Detestai o mal, apegai-vos ao bem. Que o amor fraterno vos una uns aos outros, com terna afeição, rivalizando-vos em atenções recíprocas. Sede zelosos e diligentes, fervorosos de espírito, servindo sempre ao Senhor, alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração" (Rm 12, 9-12).

Em São João del-Rei as paróquias do Pilar e de São João Bosco fizeram grandes festas para o neo-sacerdote. Uma, com sua tradicional cantoria barroca; a outra, com sua música clássica, executada pelos aspirantes. Foram imponentes e muito significativas as manifestações de fé e de carinho para com o padre novo.

Cantou sua primeira Missa Solene no santuário de São João Bosco, no dia 1º de janeiro de 1948. À tarde, no Pilar, as Vésperas Solenes. Em todas estas cerimônias litúrgicas teve a alegria e satisfação de ver, ao seu lado, no altar, como paraninfo, o seu venerando pai, já avançado nos anos. Os aspirantes brindaram-no com momentos de alegria familiar, oferecendo-lhe bela sessão teatral, entremeada de músicas, cantos e poesias.

Entretanto, em meio a tantas festas, naquele mesmo dia, tomou posse do seu cargo de "prefeito", ecônomo da casa. No dia seguinte, iria passar pela primeira provação, inerente ao seu novo campo de ação e trabalho. O inspetor P. Orlando Chaves quisera, naquele ano, variar as férias dos aspirantes no final do ano letivo. Naquela época, ninguém as passava em família. Somente depois de salesiano

podia-se ir rever os familiares. Muitos de nós passamos dez, nove, oito anos sem visitar os pais e a maioria sem ver um parente sequer. Os aspirantes de Lavrinhas foram passar um mês de férias em Lorena. Não gostaram. Os de Lorena foram para Lavrinhas. Gostaram demais. Os de São João del-Rei, o P. Inspetor mandou-os para a Escola Dom Bosco de Cachoeira do Campo, naquele ano. Eram 250 aspirantes. Assistentes novos. Um sacerdote e um irmão coadjutor idosos. Responsável por tudo, viagem, permanência, o novel sacerdote, P. Geraldo Pompeu de Campos. A viagem foi um pesadelo. Saindo de São João del-Rei pela Rede Mineira de Viação, em vagões especiais de segunda classe, baldearam em Barbacena para a Central do Brasil. Nova baldeação em Conselheiro Lafaiete para Burnier, onde houve outra baldeação para o ramal de Ouro Preto. Chegaram à estação Dom Bosco às 21h00 onde desceram. A meninada vinha carregando suas malas ou trouxas pela viagem afora. Malas, sacos nas costas, desceram a pé pela estrada esburacada, solitaria, em noite de plena e total escuridão, os cinco quilômetros de chão, até chegarem às Escolas Dom Bosco.

Se houve, naquelas semanas, distrações, passeios, momentos de diversão e alegria para os aspirantes, para o responsável por eles, não deixou de haver momentos de constrangimentos, decepções. Não fora também fácil para a comunidade de Cachoeira do Campo receber e abrigar por mais de um mês um grupo tão grande de jovens. Recordando essa viagem e as férias o P. Pompeu dizia:

— "É uma coisa que jamais se deve fazer. Há riscos muito grandes". Seu primeiro mês de sacerdote foi inçado de preocupações.

Em 1947, no dia 11 de dezembro, houve a ereção canônica da Inspetoria São João Bosco. Nasceu rica de vocações, mas muito pobre de recursos para manter-se. A renda das casas era escassa para tantos gastos. Todos nós nos lembramos. Referindo-se ao Colégio São João, que abrigava 230 aspirantes, 80 clérigos e 20 salesianos em atividades, o P. Pompeu disse:

— "Foi um tempo de muita pobreza, de muito trabalho, mas de muita alegria". Mais tarde dirá que era melhor os aspirantes irem à casa nas férias. Reviam os pais, a família, renovavam o enxoval, resolviam problemas vocacionais. As despesas seriam menores para as casas de formação.

Por quatro anos arcou sobre seus ombros o peso da administração e manutenção da casa. Sentia amargamente a falta de recursos para melhorar, um pouco que fosse, a alimentação dos salesianos e dos aspirantes, a quase totalidade em plena evolução física, adolescentes e moços. Quando lá estive, padre novo,

por dez meses como catequista, vi-o em horas cruciais, não conter as lágrimas que forçavam correr-lhe pela face. Como vi também sua imediata reação, seu autodomínio em parecer, logo depois, como o homem de sempre: sério, de poucas palavras, hermético, vendo e ouvindo a todos, dando atenção a cada um que o procurasse, com tal calma, tal serenidade, que não deixavam transparecer o que lhe ia no coração e na mente.

DIRETOR

Morria o ano de 1951. O Inspetor, P. Alcides Lanna, em conversa, lhe comunicou que ele seria diretor do Colégio Dom Helvécio, em Ponte Nova. Lá estava o P. Francisco Zai, já de idade avançada e adoentado, terminando seu quinto ano de diretor do colégio. Tentou dialogar. Deveu aceitar. *Ministrare sed non ministrari..* Seria um novo campo de apostolado e de deveres a cumprir. Vontade de Deus. Na véspera do Natal daquele ano de 1951, tinha ido o P. Pompeu celebrar missa numa roça. No Colégio São João, além do P. Inspetor, estava hospedado o arcebispo de Mariana, Dom Helvécio Gomes de Oliveira. Retornando da missa, na hora do jantar, entra no refectório. Ao vê-lo, sorrindo, Dom Helvécio bate com uma faca no copo, chamando a atenção de todos. Aponta para ele e diz:

— "Está chegando o diretor da casa que tem a mais bela fachada na Inspetoria".

Ninguém sabia de sua nomeação. Foi um espontâneo aplauso que se seguiu. Porém, ele ficou meio aturdido, sem compreender o que queria dizer o respeitável arcebispo. Será que aludia ao Colégio Dom Helvécio? Não passaria de uma certa jactância. Nada disse, como era seu modo de ser.

Após o jantar, o P. Inspetor procurou-o e lhe comunicou que o P. Zai pedira para terminar seu sexênio de diretor. Não podia deixar de atendê-lo, para não magoar o benemérito ancião. Com esta alteração, ele, P. Pompeu iria para Vitória, a pedido de Dom Helvécio, substituir o P. Emílio Miotti, que lá estava havia nove anos como seu primeiro diretor. O Colégio estava com muitas dívidas. Precisava de alguém de mão firme para pôr as finanças em dia. Confiava nele.

Dom Helvécio e seu irmão Dom Emanuel, arcebispo de Goiânia, capixabas, eram a alma da fundação da casa de Vitória. Tendo em vista o que eles eram no presente e o que tinham sido no passado, na Congregação, mereciam o maior dos acatamentos e respeito.

Deixou o Colégio São João no dia 31 de janeiro, festa litúrgica de Dom Bosco, naquele ano de 1952, rumo a Vitória. Confiava na proteção do Pai, na sua ajuda para vencer as dificuldades que ia encontrar. Elas surgiram de maneiras que jamais poderia ter imaginado.

A recepção foi bastante fria. Seca. De todas as partes. De todas as pessoas. Estranhou. Procurou entender o que havia de desagradável. Conversou com o P. Miotti. Ele, então, lhe mostrou um telegrama desairoso que recebera. Dizia: "*P. Emílio, arrume as malas pt Diretor Pompeu val para aí pt ass Pe. Luiz.*" Toda a Inspetoria ficou sabendo. O P. Pompeu explicou ao P. Miotti que não era possível ter sido o P. Luiz Menezes, secretário e membro do Conselho Inspetorial, o autor do telegrama. E deu-lhe os justos motivos. O autor da brincadeira devia ser outra pessoa.

Tendo em vista o mal que provocara o telegrama, e zeloso pela responsabilidade do cargo que ocupava, "homem do segredo" como era apelidado, o P. Menezes fez um processo junto aos Correios. Descobriu que o autor da troça fora o P. Francisco Lanna, velho companheiro do P. Miotti. Dela participara seu ex-aluno de Niterói, Dr. Arlindo Drummond, dos tempos do naufrágio da Barca Sétima. A pedido de Dom Helvécio, o P. Miotti continuou naquele ano na comunidade, para não sentir muito sua saída de Vitória. Não foi uma situação feliz para o novo diretor que devia fazer mudanças, tomar decisões necessárias para saldar as dívidas, normalizar a situação financeira do colégio. Tendo que agir, mesmo usando uma boa diplomacia, eram suas atitudes motivos de críticas, de censuras. Sofreu muito neste seu início de directorado. Sofreu calado, como sempre. *Ministrare, non ministrari*. Somente em 1958 foi que conseguiu saldar a última dívida que pesava sobre o colégio.

Naquele tempo, os salesianos davam muita aulas. Além de exercer o cargo de diretor, o P. Pompeu fazia de ecônomo e de catequista, pois, não os havia na comunidade. As aulas ele as dava em 37 horários semanais. Além destas, na casa, assumiu outras, no Colégio Estadual e no Colégio do Carmo, para a formação da juventude. Com essas aulas extra ele mantinha a comunidade e pagava alguns dos professores.

A esse ingente acervo de trabalho acrescenta-se o exercício do ministério sacerdotal, as confissões no Carmo, no Colégio Sacré Coeur de Marie, o atendimento aos doentes da Santa Casa de Misericórdia. Nos domingos, além das três missas, ajudava, por várias horas, o

trabalho de dois clérigos no oratório festivo. O colégio crescia e era muito bem visto. Entretanto, no final do sexênio, o governo instalou, bem perto do Salesiano, um bem montado Colégio Estadual, com mil vagas. Naturalmente houve uma evasão de alunos do Salesiano. Alguns superiores da Inspetoria, sem se pôr a par dos fatos, julgaram ser incompetência do diretor. Um fracasso. Devia deixar o cargo. Calou-se e não se defendeu.

Nisto o novo bispo de Vitória, ao tomar posse, aproveitou a passagem do Reitor-Mor, P. Renato Ziggioiti, por Vitória, e pediu-lhe que deixasse ainda o P. Pompeu, por um ano ao menos, na direção do Salesiano. Mostrou ao Superior o grande apostolado e trabalho que ele executava na Capital. Não saberia se um outro substituto seria capaz de fazer tanto. O P. Ziggioiti mandou que o Inspetor atendes-se ao sr. Bispo. A nomeação veio por três anos. Neste tempo fundou-se, por sua iniciativa, o Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Estado do Espírito Santo. Nos seus últimos meses de vida, o Sindidato lhe prestou uma homenagem agradecida, ao comemorar o fato.

Quando o Colégio Salesiano de Vitória comemorou seus 25 anos de vida, o jornal *A Gazeta*, da Capital do Estado, comentando o trabalho do P. Pompeu, nesse seu tempo de diretor, classificou-o como o "Consolidador" da obra salesiana na cidade. Após o primeiro ano do terceiro triênio em Vitória, esperava ser mandado para outro cargo que não o de diretor. Em janeiro de 1959, sem nenhuma comunicação antecipada, recebeu nomeação para diretor do Ateneu Dom Bosco de Goiânia, em substituição ao P. Valentim Cricco. Partiu. Obediente. Humilde. Sem se opor.

Depois de uma acolhida amiga de todos, viveu ali bons anos de trabalho, apreciado por todos pela sua capacidade, circunspecção e pelas atividades desenvolvidas na instrução e formação dos alunos. As autoridades o acatavam e respeitavam. O arcebispo e o clero o tinham como bom conselheiro. Neste período, as convulsões sociais fizeram os estudantes de Goiás entrarem em greve. Greve violenta, orientada por elementos marxistas. Os magotes de desordeiros saíam pelas ruas, cercavam as escolas e faziam a baderna. O P. Pompeu estava em seu escritório, quando viu as janelas estilhaçarem e os pedrouços caírem lá dentro. Não foi atingido, graças a Deus. O arcebispo, sabendo que iam fazer seu enterro simbólico, avisou às autoridades que se faria presente ao ato, revestido de suas insígnias, se não fossem tomadas providências.

Neste espaço de tempo deu assistência à obra de Vila Nova, providenciando a construção do pavilhão da escola. Regularizou, dentro das leis trabalhistas, a situação de alunos carentes que recebiam instrução, hospedagem e alimentação, em troca de serviços prestados à casa.

Pelos meados de 1961 foi convocado pelo novo inspetor, Padre Pedro Prade, com urgência, para uma reunião em São João del-Rei. Tratava-se de problemas financeiros da casa e da mudança do ecônomo da mesma. Silencioso, ouvia tudo que se falava. Expressava sua opinião somente quando solicitado. No final, tudo concluído, perguntou ao superior, a que vinha sua presença àquela reunião. A resposta foi para ele com que fulminante: — Você é o novo Ecônomo Inspetoriall

Ficou suspenso. Sem experiência do cargo. Seria duríssimo trabalho. Logo que pôde, dirigiu-se à capela. Não rezou orações. Pôs-se nas mãos de Deus. Ficou um bom tempo a refletir. *Ministrare, non ministrari*, soava-lhe mais que nos sentimentos do coração, no cismar de seus pensamentos. Foi um tempo de três anos muito difíceis, duríssimos como previra, para o novo ecônomo.

Apesar do desenvolvimento da Inspetoria, a situação financeira não era nada boa. As casas se ressentiam de falta de recursos para suas atividades e melhorias. As obras de Brasília, de Belo Horizonte, tinham assimilado as verbas de quase todas as casas, na administração anterior, sem que as casas tivessem sido notificadas. A Inspetoria estava sobrecarregada, sem poder saldar, de imediato, as dívidas junto ao Instituto Teológico Pio XI e Crocetta (na Itália). As casas de formação, os patronatos passavam por dias de agres penúrias. Não se via muita saída para solucionar de imediato uma situação tão abrangente e delicada.

Com a indicação do novo ecônomo começaram a chover os pedidos de informações sobre as verbas destinadas às casas, retiradas pelo Centro Inspetorial. Vários empreendimentos de melhorias dependiam delas. O ecônomo compreendia que todos tinham mais que razão em reclamar. Só que ele não era jamais capaz de acusar alguém para se defender. A Inspetoria não dispunha do montante para pagar suas dívidas externas, muito menos para atender as reivindicações providas dos irmãos em suas administrações. O ecônomo foi lutando, procurando meios para sanar os males. Ao chegar às casas, no cumprimento de seu dever de administrar, era muitas vezes mal recebido, ouvia queixas, protestos. Criara-se um ambiente hostil ao seu múnus administrativo. Muitas vezes desejou falar a verdade, mas esperava pela hora de Deus.

Compreendia que certas atitudes, provindas de uma justa causa, não deixavam de ser mais do que fraquezas humanas compreensíveis. Em vista do seu silêncio, começaram a chegar-lhe cartas anônimas. Vinham repletas de acusações infundadas, de incompreensões, indignas de quem abraçara a vida religiosa. Doía-lhe e muito. Por si e pelos outros. Só no terceiro ano de economato conseguiu ter organizada e recuperada a receita inspetorial. Sair de um momento crucial, equilibrando as finanças da Inspetoria. Durante todo o tempo arcou com o peso da responsabilidade, como se ele fosse o culpado de tudo, o vilão da história. Tendo em vista o teor repetitivo de certas cartas anônimas, aos poucos foi identificando seus autores. Chegou a ter plena certeza. Nunca os deixou saber que os identificara, que os conhecia. Nem tão pouco deles falou aos superiores. Chegou a saber que eram enviadas ao Conselho Geral acusações contra ele. Foi um verão de bruscos e contínuos temporais. Houve uma época em que chegou a pensar em mudar de Inspetoria. Rezava. Examinava se, no desempenho de obrigações cumpridas e a cumprir, estava cometendo erros e injustiças.

Outro teria agido diferentemente. Ele não. Era incapaz de acusar alguém. Este tempo foi de um verdadeiro cadinho de purificação, de aprender a unir-se ao sofrimento da Cruz, com Maria, a Mãe de Jesus. Neste período de provação, passava pelo noviciado e me pedia orações e as dos noviços para saber suportar e não fracassar. Nunca, porém, disse-me o nome de alguém. Não desabafava com o P. Inspetor para não lhe causar preocupações e transtornos na saúde. Abaixava a cabeça, controlava os ímpetos de sua natureza forte e, com humildade, me dizia:

— Eu vim para servir e não para ser servido. Foi o que escolhi. São fraquezas humanas, embora inconcebíveis na vida religiosa. Que custaria chegarem e conversarem com a gentel?

No final de 1963, graças a Deus, a Inspetoria estava com suas finanças restabelecidas, numa situação bem mais saudável.

INSPETOR

Regularizadas as finanças da Inspetoria, planejava atender as reivindicações das casas, quitando as dívidas ainda não saldadas com elas. Logo nos princípios de 1964, recebeu inesperadamente uma carta do Reitor-Mor, P. Renato Ziggotti, nomeando-o Inspetor em Recife. Desta vez, mais que nas outras, ficou aturdido. Depois de um certo tempo, com a carta no bolso, dirigiu-se para a capela. Ali releu a carta do Superior Geral. O primeiro impulso foi naturalmente responder, recusando aceitar aquela obedi-

ência. Diante do Senhor, no silêncio da capela e do coração, e não nas comoções da natureza assustada, meditou por bom tempo. Ouvia a voz do Pai. É a vontade de Deus. ... Você escolheu por lema de sua vida sacerdotal salesiana *Ministrare sed non ministrari*. Os superiores sabem o que estão fazendo... Releu mais uma vez a carta do Superior Geral. Colocou-a no bolso. Com ela ficou vários dias. Pensando. Refletindo sobre a realidade do que lhe sucedia. Dias depois, em fins de fevereiro, o Inspetor, P. Pedro Prade, ultimava o quadro de mudanças do pessoal das casas. Estava num impasse sobre quem mandaria como diretor de Brasília. Chamou o P. Pompeu e perguntou-lhe se aceitaria assumir a direção da obra em Brasília.

Foi então que ele tirou a carta do Reitor-Mor do bolso e deu-a ao Inspetor para ler. O P. Padre leu-a vagaroso e ficou por algum tempo pensativo, como quem revolve idéias e recordações. O P. Pompeu rompeu então o silêncio para manifestar sua surpresa, suas indecisões, sua ansiedade. E, pela vez primeira, contou ao P. Prade toda a história de seus sofrimentos naqueles três anos, as cartas anônimas que recebera, as acusações de que era alvo, sem poder sanar todos os males até então. A ele nada dissera sobre isto, nem ao Conselho, para não lhe dar preocupações e alterar-lhe a saúde, desde que as soluções só poderiam vir com o tempo, como se realizaram em geral. Além do mais, evitavam-se especulações inúteis, prejudiciais ao bom espírito religioso.

Depois de escutá-lo, o P. Inspetor agradeceu a atenção que lhe fora dispensada, embora discordasse, e acrescentou:

— Agora estou entendendo o motivo de uma série de perguntas e de informações que a seu respeito os superiores vinham me pedindo.

Após a indicação do P. Pompeu para Recife, dias depois saiu a do P. Daniel Bissoli, diretor de Niterói, para São Paulo, como inspetor.

O P. Pedro Prade fez oficialmente a comunicação a toda a Inspetoria. E, na comunidade de São João del-Rei, prestou uma primeira homenagem aos dois recém-eleitos inspetores.

Passados poucos dias, o P. Pompeu recebia outra carta anônima, cujo autor ele já identificara. Dizia nela logo de início: "Parabéns aos mineiros e pêsames aos nordestinos". Foi a última. Uma vez procurou o P. Inspetor, P. Alfredo Carrara, para mostrar-lhe ainda uma missiva, que um pobre irmão lhe mandara e, como sempre, se escondendo sob o anonimato.

No dia 31 de março de 1964, partiu de avião para Recife, com escala em Salvador. Estourara a revolução de 64. Iniciava-se a ditadura militar.

Em Salvador, o diretor da casa, P. Belchior Maia de Ataídes, seguiu com ele, rumo a Recife. O avião recebeu ordem de descer em Aracaju. Aí não permitiram que o P. Belchior seguisse para Recife. Deveu voltar para Salvador. No dia seguinte, a viagem continuou para Recife, onde chegou altas horas

da noite, às 22h00. Ninguém o esperava. Foi surpresa para todos, pois que os horários estavam todos alterados.

Foi recebido com muita cordialidade e afeto pelo P. Agenor Vieira Pontes, que terminava seu sexênio e o aguardava. Por todos os salesianos das comunidades da Capital pernambucana. Foi uma acolhida festiva e fraterna. Ele viera para *ministrare* e não para *ministrari*. Todos esperavam isto do novo Inspetor. Sentiu que, no seu apostolado, na sua missão salesiana, mais que nunca, devia viver e praticar seu lema sacerdotal. Viu seu campo de ação estender-se como jamais pensara. E nele trabalhou com todo amor e dedicação. Revendo os depoimentos sobre seu governo, os múltiplos programas e publicações desse período, vê-se, claramente, que houve, por parte dos nordestinos, uma vasta aceitação e valorização à ação e à pessoa do Inspetor P. Geraldo Pompeu de Campos.

Há um programa de festa em sua homenagem que se abre com estas palavras muito expressivas: "Condividindo a responsabilidade entre Superior e Súbdito, soube dirigir com diálogo fraterno: ouvindo, compreendendo, amando". Foram aqueles anos os primeiros da renovação conciliar. Atento à orientação da Igreja, dos superiores da Congregação e dos pastores locais, o Inspetor soube guiar sua Inspetoria do Nordeste com mão firme, segura, mente lúcida, clarividente, coração amigo, paternal. Deste tempo ele escreveu: "Aprendi muito dos irmãos. Foram seis anos de formação permanente. Um real segundo noviciado para mim".

No final do seu sexênio de governo, fez uma prévia entre os salesianos, o que não era costume e nem norma, para que indicassem quem deveria ser seu substituto entre os irmãos.

Recebeu os envoltórios fechados; e, lacrados, mandou-os para o Conselho Geral, em Roma. O seu tempo estava esgotando e já era hora de os superiores pensarem em substituí-lo. Os salesianos pediam ao Reitor-Mor que confirmasse o P. Pompeu por mais um sexênio e, em seguida, apontavam, em segundo lugar, o mestre de noviços, P. Antônio José de Carvalho, de imorredoura memória. Quem deu esta informação foi o próprio Reitor-Mor, P. Luiz Ricceri.

Voltava o P. Pompeu da visita às casas do Ceará. Desembarcou no Recife às 15h00. Foram-lhe dados, em chegando à Casa Inspetorial, cartas e um cabograma, que acabavam de ser entregues, vindo do centro da Congregação. Abrindo o cabograma, leu: "P. Pompeu dê posse ao seu sucessor, siga imediatamente para Campo Grande".

Foi para o escritório e abriu a carta do Reitor-Mor. Nela comunicava que ele devia seguir com presteza para Campo Grande, como Inspetor do Mato Grosso. Comunicava também a escolha do P. Antônio Carvalho para sucedê-lo. Junto vinha outra a ser entregue ao P. Carvalho, quando julgasse conveniente.

Neste ínterim, bate à porta o P. Carvalho. Conversam. Depois o P. Pompeu lhe disse:

— Você chegou na hora. Esta carta é sua.

Era a indicação dele para inspetor da Inspetoria São Luiz Gonzaga, do Nordeste. Pela primeira vez um filho do Nordeste era designado para ser inspetor da Inspetoria Nordestina. O P. Antônio Carvalho titubeou. Não quis acreditar e aceitar. Então o P. Pompeu mostrou-lhe outra carta em que era nomeado inspetor em Campo Grande. Os dois se olharam e se abraçaram comovidos. Ali mesmo o P. Antônio escreveu aos superiores, pedindo para o P. Pompeu ficar ao menos até a distribuição do pessoal nas casas, até o retiro espiritual. A resposta chegou dez dias depois. Insistia para que o P. Pompeu partisse imediatamente para Campo Grande, a fim de assumir a Inspetoria. Se precisasse, voltaria e ajudaria nas mudanças do pessoal. A estas alturas o P. Pompeu tinha já o quadro das trocas praticamente pronto. Entregou-o ao P. Carvalho.

Procurou preparar a transmissão do cargo. Arrumou as malas. Deu posse ao novo inspetor. Foram belas e sentidas as manifestações de despedida, mescladas com a satisfação da acolhida ao P. Carvalho. Missão cumprida. Tomou o avião para o Sul, para o Oeste. Um bocado do seu coração ficou no Nordeste Salesiano, para sempre.

Chegou a Campo Grande em momentos um tanto delicados. Para enfrentá-los, o Reitor-Mor pedira-lhe sacrifícios, doação, desprendimento, caridade fraterna, para levar unidade, harmonia, espírito de família entre os irmãos.

Era o tempo grave das mudanças de mentalidade, provocadas pelo Concílio Vaticano II. Vieram as dos nossos Capítulos Gerais. Houve o redimensionamento das obras. Transparente no seu agir, prudente e criterioso, procurou as melhores soluções que as exigências ditavam. Sabia e sentia não poder agradar ou contentar a todos. Viera para servir os irmãos, cumprir o que Dom Bosco lhe pedia através dos superiores, que nele confiavam. Prudentemente procurava ouvir a opinião dos irmãos. Avaliá-las, ponderá-las, na busca do melhor, do mais útil para toda a Inspetoria.

Neste tempo de inspetor no Mato Grosso celebrou suas Bodas de Prata Sacerdotais, cercado pelo afeto de todas as comunidades da Inspetoria.

Quando deu posse ao seu sucessor, o pranteado Dom Walter Bini, a Inspetoria traçou estas linhas de reconhecimento pelo seu indefesso labor:

"A Inspetoria, fazendo eco às palavras do Reitor-Mor, quer expressar ao P. Geraldo, pelas páginas deste Boletim Informativo, o mais profundo agradecimento pelo serviço destes seis anos, prestado com amor e dedicação, num total desprendimento de si mesmo. A tranqüillidade, a harmonia e o espírito de família reinantes na Inspetoria são fruto do trabalho silencioso e constante, das contínuas andanças e fraterna presença nas casas".

NOS CAPÍTULOS GERAIS

A história da Império, da Primeira República, traça, em múltiplos aspectos, a personalidade do mineiro na vida política. Há características que o marcaram, embora nos tempos modernos haja feições diferentes. Mudanças dos tempos acelerados. Mas fica ainda muita coisa boa. Seu espírito observador, tranqüilo, de quem muito ouve e pouco fala, de não precipitado nas decisões, preciso em tomá-las na hora certa, dá-lhe a possibilidade de uma consciência lúcida, firme, criteriosa. Por isso é-lhe possível manter um equilíbrio de análise, de ponderação, de julgamento, sem se deixar levar pela falta de bom senso, pelas erupções ou o acalorado das paixões, dos debates.

Para ele, viver a união é viver uma harmonia espontânea, e não ser levado por uma unanimidade forçada, obrigatória. É uma convergência de determinações límpidas, conscientes, sinceras, e não de adesões fortuitas, oportunistas, falsas, insinceras.

Para ele, se é fácil colocar as cousas no seu tempo e em seu lugar, bem sabe que é muito mais difícil situar as idéias no seu devido momento.

Quando se ouve falar dos nossos Capítulos Gerais, sobretudo do Capítulo Especial, parece-me ver o P. Pompeu com este cabedal de dons, a participar eficientemente deles.

Dizem que o mineiro bate no ombro uma palmadinha. Cochicha o tempo todo. Vai daqui, vai dali, sempre sereno, sem nada demonstrar. Mas vai se insinuando e insistindo em seus desideratos. Convencendo. Aí vem mais uma palmadinha no ombro, amigável. É sempre todo ouvidos, atento, mesmo disfarçando, ao que dizem, ao que se passa em seu derredor. Acompanha tudo. Não perde nada. Não gosta de falar muito em público. Se o faz é exato, claro em suas idéias. Se for preciso, inflama-se. Raramente.

O P. Pompeu se inscrevera pela primeira vez para falar em público no Capítulo Especial. E, por adesão aos irmãos sul-americanos, para surpresa geral, não usou a palavra. Renunciou, e deu por escrito sua intervenção.

Estava, porém, a par de tudo que acontecia e se falava. Seu trabalho nas comissões tornaram-no respeitado e admirado pela consistência de seu pensamento, pela precisão de seus argumentos, pelo seu tino prático em distinguir e situar as questões, pelo seu parecer prudente, exato, na hora exata. Sua postura séria, mansa no falar, seu amor profundo à Congregação, a Dom Bosco, atraíram o respeito dos demais capitulares. Muitos dos que julgavam temerárias as idéias que a renovação exigia, procuravam-no a

fim de atraí-lo para seu lado de oposição. Ele os ouvia. Nada dizia. Como um velho político, uma raposa velha, levava para os de outra linha as informações captadas, não solicitadas, numa busca de melhores caminhos para a Congregação cumprir sua missão, com os tempos, conforme Dom Bosco desejara.

A VOLTA À INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Estava entrando no seu último ano de Inspetor na Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório, do Mato Grosso. Estando com o Reitor-Mor, lembrou-lhe de não retardar sua substituição no final do sexênio. Foram-lhe pedidos três anos e ele fora nomeado para seis, que estavam chegando ao seu término. Sentia já alguns problemas de saúde. O P. Ricceri respondeu-lhe mostrando cartas que recebera. Um bispo salesiano o solicitava para administrar sua diocese. O P. Inspetor de Recife, em nome dos salesianos, pedia que ele voltasse para o Nordeste. O Conselho Geral cogitava em fazê-lo diretor na Pisana.

O P. Ricceri acrescentou:

— Está bem. Vou conversar com o P. Vecchi. Veremos o que se resolverá.

Por ocasião da ordenação episcopal de Dom Bonifácio Piccinini, em Lavrinhas, estavam juntos a conversar o P. Vecchi, o P. Carrara e o P. Pompeu. O assunto caiu sobre o destino deste último nos próximos meses. O P. Carrara escrevera-lhe, pedindo dirigisse a casa de Campos. Ao chegar, porém, à Inspetoria São João Bosco, em vista de circunstância havida, ele foi designado para casa de Vitória. Vencidas as eventuais desconfianças de uma expectativa inicial, ganhou o coração de todos, com o auxílio da comunidade salesiana que lá estava. Foram, disse ele, anos de paz, de harmonia, graças à aceitação e bom entendimento reinante na comunidade educativa, o apoio dos irmãos salesianos. Ao terminar os seis anos em Vitória, foi escolhido pelos irmãos como Ecônomo inspetorial. Uma grande e saudável demonstração de confiança de todos os salesianos da Inspetoria.

Cada um de nós é o que é, e, com a graça de Deus, deve procurar ser o que Ele quer que sejamos. O P. Geraldo Pompeu de Campos foi um homem talhado para administrar, controlar finanças. Nem sempre pôde atender os irmãos como era seu desejo, como o coração lhe ditava fazer. Raramente acenava a causa de seu proceder ante uma negativa, para não magoar a pessoa que solicitava, ou para não mostrar, apontar os erros ou falhas de outrem. Calava, como era de sua natureza e virtude. Agia. Não discutia. Uma cousa é certa e todos que viveram ao seu lado bem o sabem: jamais foi visto agir levado por uma paixão.

Preciso. Incisivo. Determinante. Não era de linhas curvas. Tomada uma decisão, julgada como a melhor, após séria reflexão, era firme no executá-la. Era o ho-

mem do critério, da ponderação, do equilíbrio, do segredo. Nele a prudência e a maturidade se entrelaçavam, dando o sabor da sabedoria. Ponderando o serviço do próximo, buscava sempre a maior glória de Deus, o bem dos irmãos, da Congregação, na missão que desempenhava. Os últimos seis anos de vida, uniu ao cargo de Ecônomo inspetorial o de diretor da Casa Inspetorial, que exerceu simultaneamente por três anos, quando, por motivo de sua saúde, que inspirava menos esforços, ficou somente como diretor.

Ali, na Casa Inspetorial, tornou-se o servo de todos. Sempre procurando como conselheiro, guia espiritual, confessor, orientador. Nele os jovens salesianos encontravam a penedia batida pelas ondas encapeladas da vida, inabalável, como ponto granítico de apoio, exemplo resistente de fidelidade, de destemor, ante as investidas do mal, das dúvidas, das falácias, das seduções. De sua experiência aprendiam a enfrentar os escarcéus da inconstância, da veleidade ilusória, sentiam a energia da fortaleza, a visão precisa para resolver problemas, solucionar questões e dúvidas. Nele viam um patriarca na fidelidade consciente, clarividente, de um amor indestrutível a Jesus Cristo, à sua Igreja, a Dom Bosco, à Congregação. Com ele aprendiam a amar N. S. Auxiliadora, a buscar numa devoção simples, espontânea, a luz, a força, que somente a Mãe sabe transmitir, inculcar. Como diretor da Casa Inspetorial foi sempre, não obstante os achaques da doença, o irmão hospitaleiro, atencioso, prestativo, a se preocupar em receber bem, em fazer sentir-se bem como se fosse em sua própria casa, todo salesiano, todo visitante que procurasse a Casa Inspetorial. Até nas mínimas precisões, nos mínimos desejos que conseguia captar das pessoas, tornava-se o serviçal prestimoso, feliz em ajudar. Porquanto, é bom demais encontrar uma casa acolhedora, irmãos realmente amigos, dadivosos.

Seu coração doente palpitava, seus olhos serenos, profundos, enigmáticos, brilhavam num rápido fulgor e seu falar manso, aos mais achegados e perspicazes, deixava antever a alegria, a comoção que lhe brotavam do seu íntimo, que ele vivia na hora em que se encontrava com algum salesiano das Inspeorias do Recife ou de Campo Grande, que chegasse a Belo Horizonte.

É de se ressaltar na pessoa do P. Pompeu o amor às Sagradas Escrituras. Sempre me impressionei com seu conhecimento exegético. Desde o estudentado teológico, via-o sempre manuseando textos de estudos bíblicos. Punha-se sempre a par de novos estudos e interpretações. Nas vésperas de sua penúltima crise, visitando-o na Casa Inspetorial, encontrei-o sentado, tendo um opúsculo novo de estudos sobre o Gênesis. Brinquei com ele, dizendo-lhe: "Estudando ainda Bíblia?" Olhou-me e sorriu. Nada comentou. Estava bastante fraco.

O mesmo interesse notei nele com relação a conhecer Dom Bosco, desde que o vi, como clérigo, lendo as *Memórias Biográficas*. Estudava, lia ou exami-

nava as publicações novas sobre Dom Bosco, seu método educativo, sobre a Congregação. Foi uma pessoa que se atualizava diariamente. Lia e lia muito. Sempre. Sabia escolher as leituras, selecioná-las. Punha-se a par dos problemas brasileiros, mundiais: religiosos, políticos (como bom mineiro), sociais, econômicos, científicos, literários. Tinha uma capacidade mui especial para fazer uma análise, uma crítica, fazer uma síntese das idéias ouvidas, apresentadas. Uma memória feliz, que muito o ajudou em suas atividades e missões recebidas.

Reservado por natureza e por criação, soube vencer os ímpetos de sua natureza enérgica, forte; soube relevar os temperamentos adversos; não guardar rancor de ninguém, mesmo se não fosse compreendido, ou o tivessem por desafeto. Respeitava as pessoas após algum contratempo havido, quando sua vontade era de se chegar e de se expandir, mostrando que buscara o bem e não desejara magoar quem quer que fosse com suas atitudes e maneiras de proceder. Se não falava, por julgar inoportuno, com seu procedimento procurava demonstrar o pedido de desculpas, de perdão, que lhe ia no íntimo.

Cumprir relevar a autodisciplina a que se impunha. A ordem com que mantinha todos os seus ambientes de trabalho e todos os seus empenhos administrativos e de governo. A metódica maneira de cumprir seus deveres religiosos, as práticas de piedade individuais, de sua devoção particular.

No seu horário de práticas religiosas, além das diversas horas, que todas todos os dias ele as rezava, desde as Laudes até as Completas, dava diariamente a bênção de N. S. Auxiliadora para todos os que se recomendavam às suas orações. Rezava três belas orações referentes a cada voto, renovando-os numa oferenda quotidiana de si próprio a Deus Pai. Em seguida, fazia sua profissão de fé, rezando o *Credo*: para ele a oração do que Deus fez e faz para nós. De tanto em tanto rezava a oração para "Envelhecer bem".

A missa diária sempre foi-lhe o momento mais importante de cada dia a ser realizado, na união divina que o sacerdote, humilde e pobre criatura, pode ter com Deus Nosso Senhor.

Sua pregação, suas palestras, boas noites, foram normalmente atraentes, enriquecedoras, claras no seu objetivo, doutrinárias. Escrevia e falava bem. No estilo de seu caráter, às vezes conciso, na riqueza do conteúdo e da linguagem, com que revestia o manifestar de seu pensamento. O que o tornava compreensivo, agradável, atraente.

Dava gosto ouvi-lo, conversar com ele. Às vezes saía da sua maneira tranqüila de falar para, num rápido, soltar uma expressão batendo as mãos, deixando soar uma risada afirmativa, um tanto abafada. Era um instante. Depois voltava a ser o homem sereno, calmo, de voz macia.

Maximiliano Maria Kolbe disse: "A obediência é a vereda da sabedoria e da prudência; este é o único caminho pelo qual possamos dar a Deus maior glória". O P. Pompeu, em toda a sua vida, conscientemente, procurou caminhar por essa estrada.

Pode-se aquilatar a grandeza de sua personalidade, de sua salesianidade, pelo apreço, pelo valor, pela confiança inconcussos que dele sempre tiveram e manifestaram os Reitores-Maiores P. Renato Ziggotti, P. Luiz Ricceri e, muito mais, o P. Egidio Viganò.

A DOENÇA

Desde o aspirantado ressentia de alguma problema de saúde. Ele mesmo confessa que sempre soube cuidar-se, porque lembrava-se de que a vida, e por conseguinte, a saúde, não lhe pertenciam. Eram de Deus, da Congregação.

Foi em 1970, durante o sermão de encerramento do retiro dos salesianos na chácara São Vicente, em Campo Grande, e logo em seguida, no das Irmãs salesianas, que sentiu o primeiro sintoma do coração que falhava. Foi como uma punhalada aguda, que lhe tirou a respiração.

Indo a Tupã nos dias seguintes, examinado pelo cardiologista, este confirmou ter havido problemas, receitando-lhe o modo de comportar-se dali para a frente. Foi seguindo as prescrições até que, em julho de 1986, em viagem para o Rio, nas alturas de Barbacena, passou mal. Perdeu a respiração, suou frio, uma dor aguda apunhalando-lhe o coração, até chegar ao Rio.

Dirigiu-se para o Colégio Salesiano de Riachuelo. Ficou em repouso algum tempo, até ser atendido pelo médico. Tinha tido um enfarte. O coração dilatara-se. Repouso absoluto. Fê-lo na casa da sobrinha Cecília, depois na Casa Inspetorial, onde se recuperou, para voltar às atividades, sem se descuidar dos cuidados devidos.

Nestes três últimos anos, deixando o economato, continuou prestando seus serviços como diretor da Casa Inspetorial, membro do Conselho Inspetorial e dando ajuda possível ao seu substituto na administração geral. Os dois anos finais foram de contínuos sobressaltos. Todos da Inspetoria, sobretudo nós de Belo Horizonte, vivíamos preocupados com seu estado clínico, cada vez mais cheio de imprevistos e repentinas recaídas. Com o medo de perdê-lo de uma hora para outra, embora soubéssemos que seria assim que tudo iria acabar. Sereno, cuidadoso, observante, viveu, até os derradeiros instantes, a beleza da vida que Deus lhe dera, na esperança que sempre irradiou da eterna vida na casa do Pai. Pediu e recebeu por várias vezes a Unção dos Enfermos, durante este duradouro período em que o coração lhe pôs a vida em jogo.

Em Maria, como em toda a sua vida, encontrou o carinho da Mãe, que sempre esteve a seu lado, com a qual conversava no dedilhar das contas do terço, companheiro inseparável, ao longo de seus anos.

O "agora" da segunda parte da Ave Maria — tinham sido tantíssimos os "agora" que com Ela falara —, se transformara no constante pensar em o "hora de minha morte". Seu "Amém" era uma profissão confiante e filial de fé, ante a morte que via e sentia aproximar-se de seu leito, de sua cadeira de repouso, de sua mesa de trabalho, vezes quantas e tantas a se afastar. Foi, assim, aguardando o momento derradeiro e decisivo da partida definitiva para o Reino dos céus.

Celebramos a entrada de seus 50 anos de sacerdócio, pois, víamos que não chegaria até a data de suas Bodas de Ouro Sacerdotais.

O final de maio e os dois primeiros dias de junho foram de alternâncias graves e inopinadas. Tendo sido levado cedo, no dia 2 de junho, para o hospital, voltou horas depois para casa.

De repente, tudo piorou.

Transportaram-no de novo para o Hospital Biocor. Desta vez foi para partir em definitivo para a casa do Pai, como sempre esperou e se preparou gradualmente, no decorrer de seus 80 anos.

Vivera-os na sua totalidade a semear e a colher manipulados cheios de méritos, em meio às agruras que o santificaram na vida de cristão, salesiano, sacerdote. Podia partir. Num lampejo de energia, quis ainda entoar, na magnificência espiritual de seu coração que morria, nos harpejos angelicais de sua alma eucarística, num acorde esplendoroso de fé, que nenhum mestre lhe impedira de cantar em todos os dias da vida, o canto, a música do seu louvor à Santíssima Trindade, do seu amor a Jesus Eucaristia, da sua entrega à vontade de Deus Pai, no sussurro que mal seus lábios puderam articular.

Esperança, agora, confiante certeza, na felicidade eterna na Casa do Pai.

Prezados Irmãos em Dom Bosco, queiram relevar e desculpar-me se, ao traçar a carta mortuária do Padre Geraldo Pompeu de Campos, não me ative às normas convencionais com que elas, as cartas, costumam ser elaboradas.

Não me julguei capaz de dar uma síntese cabal deste vulto inestimável de salesiano e de sacerdote com que Deus brindou nossa Inspetoria e nossa Mãe, a Congregação.

Preferi contar sua história. A história de uma vida, desde o momento que uma fraterna amizade nos uniu e cresceu nos trabalhos da messe salesiana, quando partilhámos recordações, alegrias e provações. Quando pude, mais que penetrar, sentir em vislumbres de convivência, a alma, a pessoa daquele que foi, como Joãozinho Bosco, um roceirinho, que saindo destas nossas paragens mineiras, se pôs *In totum*, a serviço dos irmãos, na missão para a qual Deus o chamou, na humildade, na obediência consciente de cada dia.

Narrando seus limites e seus labores, suas lutas e suas esperanças, penso que muitos saberão conhecê-lo, entendê-lo mais. Poderão antever e ver as precio-

sidades que se ocultavam no âmago de um coração sofrido, que se dilatava em servir aos irmãos, buscando a vontade e a glória de Deus Pai, seus anelos perenes até a hora derradeira da derradeira despedida.

Contando as provações por que passou para atingir a perpetuidade de sua doação a Dom Bosco, para galgar os píncaros da montanha luminosa do sacerdócio de Cristo, creio que será um estímulo, um exemplo valioso para os novos salesianos, que vivem tempos bem diferentes e mais favoráveis no seguimento da própria vocação. Dar-lhes-á mais destemor e perseverança para serem mais um daqueles felizardos que todos buscamos ser, trilhando as pegadas de nosso Santo Pai e Fundador, no seu sonho do caramanchão de rosas.

Faz jus e é dever que agradeça a todos os depoimentos, informações, documentos que recebemos sobre a personalidade e a ação do P. Pompeu, de tantos irmãos salesianos, professores, ex-alunos, funcionários, amigos que com ele conviveram.

Todos ressaltaram as mesmas características, tiveram as mesmas apreciações. Tudo será guardado, preciosos que são, nos arquivos da Inspetoria. Tomo a liberdade de selecionar, entre os muitos enviados, alguns que ressaltam e qualificam mais a pessoa do nosso irmão falecido.

Concluindo, incluo, como adenda um escrito que encontrei em seus guardados, um testamento-gratidão, que ele nos deixou. Vale!

Pela comunidade da Inspetoria São João Bosco, em união de orações e corações, o irmão em Dom Bosco,

P. Henrique Ribeiro de Brito, SDB

"In Omnibus Respice Finem".

E julho de 1986 comecei a preencher o "*cotidie morior*" de São Paulo. A vida, para mim, é um dom de Deus para os outros. O que me faz tomar esse lema sacerdotal: o *Ministrare sed non Ministrari* (Mt 20,28). Não foi para mim, a vida, uma decepção. Porque creio na morte não como evasão, mas como um nascimento para a vida sem fronteiras na casa do Pai.

Quero agradecer a Deus por este dom, por ser cristão e salesiano. À Nossa Senhora Auxiliadora, por me ter levado para o aspirantado e me ter conservado no caminho de Dom Bosco, a quem amo como pai, que tudo me deu, pelos formadores salesianos que tive e pela graça da perseverança.

— Reconhecimento a meus pais, por não terem interrompido minha caminhada. A meus irmãos, pelo auxílio e força para que pudesse conseguir dar plenitude à minha vocação.

— Gratidão à Congregação Salesiana, por me ter aceitado como membro, apesar de meus limites. No âmbito da Congregação, quero dar graças às comunidades. No âmbito da Inspetoria Nossa Senhora Auxiliadora de São Paulo, em que vivi no tempo de

formação inicial: Lavrinhas: aspirantado e filosofia e um ano de tirocínio; Ipiranga (SP): noviçado; Liceu Coração de Jesus (SP): dois anos de tirocínio; Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas (SP): um ano de tirocínio; Instituto Pio XI (SP): teologia.

— À Inspeção São João Bosco, para a qual fui destinado na sua fundação, nas comunidades: 1) Colégio São João, em São João del-Rei; 2) Colégio Salesiano de Vitória (ES), por duas vezes; 3) Ateneu Dom Bosco de Goiânia (GO), uma vez; 4) na Casa Inspeção, como economo inspeção e diretor.

Quero agradecer a todos os irmãos da Inspeção pelo favorecimento no desempenho de tal função. — À Comunidade da Casa Inspeção por me ter suportado no tempo em que vivi, sem poder corresponder às minhas obrigações.

— Às Inspeções São Luiz Gonzaga de Recife, e Santo Afonso de Campo Grande, pelo carinho e compreensão com que fui recebido pelos irmãos e pela ajuda de todos no tempo em convivi com eles no ministério da obediência, no serviço da autoridade.

— Aos funcionários da Casa Inspeção (do economato e da residência), pela amizade e boa vontade no trabalho para comigo.

Quero morrer na Igreja Católica, que me alimentou na mesa da Palavra e na mesa da Eucaristia. Que a cruz de Cristo me dê força nos últimos momentos de vida. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Em Maria, Mãe de Jesus.

RIP (= Requiescam in pace)

Sit nomen Domini benedictum ex hoc nunc et usque in saeculum.

In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum.

P. Pompeu

DEPOIMENTOS

Dele assim escreveu o P. Alfredo Carrara de Melo, ex-inspetor da Inspeção São João Bosco de Belo Horizonte:

"P. Pompeu foi sobretudo um grande amigo. Esta amizade foi se consolidando aos poucos, à medida que o ia conhecendo melhor e tendo a oportunidade de conviver com ele.

Nosso primeiro contato foi em São João del-Rei. Eu era clérigo e ele padre novo. Economo do Colégio São João. Tempos de economia difícil. Desde aquela época parece que a sina do P. Pompeu foi consertar a economia salesiana por esse mundo afora. Apreciávamos muitos as suas 'boas noites': curtas, interessantes, deixavam sempre uma mensagem que marcava. Outro período de fecunda convivência foi durante o Capítulo Geral Especial. Ele era inspetor do Mato Grosso. Eu era delegado da Inspeção São João Bosco. Com meus trinta e nove anos, estava cheio de vida e de idéias... Naqueles momentos difíceis o P. Pompeu representava sempre o equilíbrio moderado, sem deixar de 'mineiramente' dar sua contribuição para o avanço da Congregação.

Os 'conservadores' achavam que ele tinha cara de conservador e lhe abriam todas as estratégias do seu comando. Ele recebia tudo sem dizer nada e passava para nós os seus planos

e as suas artimanhas. Uma ocasião os latino-americanos fizemos greve de não falar em plenário por algum tempo. P. Pompeu estava inscrito para falar. Seria sua primeira intervenção em plenário. Ele se levantou, pegou o microfone e disse, simplesmente: *'Rinuncio e consegno per scritto il mio intervento'*. Fizemos aquela festa no plenário.

Durante uns dias de férias, durante o CGE, percorri com ele, de carro, todo o norte da Itália, com um ex-clérigo salesiano de Mato Grosso que estava querendo voltar para a Congregação. Visitávamos as casas salesianas e famílias de salesianos do Mato Grosso.

Os superiores o tinham em grande estima. Basta dizer que o nomearam inspetor em Recife e Campo Grande em momentos delicados para ambas as inspetorias. E ele se saiu bem. Assim com o P. Ricceri e com o P. Viganò. Quando surgia alguma situação difícil para resolver, P. Viganò, brincando, costumava dizer: 'Mandem o Pompeu resolver...'

Sempre admirei no P. Pompeu sua obediência: não recusava nenhuma ordem. Nem mesmo colocava alguma objeção às ordens que recebia. Após ter sido inspetor em Recife, recebe a incumbência de transferir-se para Campo Grande como inspetor; não colocou nenhuma objeção; arrumou suas malas e foi tranqüilo cumprir sua nova e delicada missão.

Terminado o tempo em Mato Grosso, nossa Inspeção precisou dele em Vitória, como diretor. Telefonei-lhe consultando-o: aceitou imediatamente sem mesmo pedir alguns dias de descanso.

Era um verdadeiro diretor salesiano: sempre no seu escritório, lendo alguma coisa, à disposição dos salesianos, dos professores, dos alunos. E freqüentemente seu escritório recebia a visita de salesianos, de professores, de alunos. Nas horas de recreio estava sempre no pátio, conversando com os alunos mais crescidos.

Homem prudente, sabia contornar os problemas que apareciam, solucionando-os de maneira sábia e oportuna. Não fazia barulho, mas tinha conhecimento de tudo o que estava acontecendo no colégio.

Tive o raro privilégio de tê-lo a meu lado durante todo o segundo período de inspetor. Já bastante adoentado, tendo sido indicado por grande número de salesianos para continuar ecônomo, perguntei-lhe se tinha condições de continuar no cargo. Sua resposta foi pronta e alegre. E, apesar da precariedade de sua saúde, com seu método britânico, percorria a Inspeção como se estivesse esbanjando saúde.

Enfrentava problemas administrativos difíceis com firmeza, sem perder a tranqüilidade. Foi um grande ecônomo inspetorial no qual se podia confiar inteiramente. Quando lhe fiz ver, após três anos, que o cargo já estava superior às suas forças, aceitou deixá-lo sem nenhuma dificuldade. Deixou o cargo, continuando a prestar serviços na parte burocrática do economato. Mas durante o meu segundo período de inspetor, ele foi, sobretudo, um grande conselheiro. Não só conselheiro inspetorial ponderado e sábio, mas, um grande conselheiro pessoal que eu tive. Quantas vezes entrava em seu escritório angustiado por graves problemas e de lá saía bastante aliviado com seus sábios conselhos. Sabia expressar suas opiniões sem o ar de quem estava ensinando, mas com simplicidade e clareza. Sabia trocar idéias quando ouvia uma ponderação razoável.

Outro aspecto bonito de sua existência é o amor que tinha à vida. Apesar de todos os seus sofrimentos, gostava de viver. Soube galhardamente lutar, anos, contra a morte que o rondava. Obedecia às prescrições médicas com a fidelidade religiosa de um beneditino. Sofria sem fazer os outros sofrerem. Tomava ele mesmo as providências necessárias à sua saúde, desde quem o devia levar ao médico, até encomendar o cilindro de oxigênio para suas crises de falta de ar.

Quantas vezes, ele, doente, cuidava de outros mais doentes do que ele. Quanto tempo cuidou do Sr. Aldo Maia...

Gostava de colocar a cozinha em ordem, após o jantar: guardava a comida na geladeira, colocava os pratos de molho para facilitar o trabalho de limpeza da cozinheira, no dia seguinte e, quando chegava alguém atrasado para o jantar, se apressava em servi-lo. Praticou, em tudo, o seu lema sacerdotal: *Ministrare, non ministrari*. Tinha um caráter forte e enérgico, mas sabia se controlar. Falava manso, sem altear a voz. Amava os familiares e era por eles amado. Gostava de receber suas visitas e, em momentos especiais, sabia fazer-se presente entre eles. Atencioso para com todos, soube cativar muitas amizades. Gostava de ler. Mantinha-se atualizado em matéria teológica e pastoral. Bom pregador, suas homilias eram apreciadas. Só deixou de celebrar missa para o povo, no domingo, quando suas forças não deram mais. Estava a par das notícias através da leitura metódica de jornais e revistas".

Escreve o P. Valério Breda,
Inspetor em Recife, bispo-eleito de Penedo, AL:

"...recebemos a notícia do falecimento do P. Geraldo Pompeu de Campos. Ficamos sensibilizados; a memória deste nobre e digno Irmão está ainda bem viva e presente nesta Inspetoria nordestina que ele dirigiu de 1964 a 1969.

O jeito fraterno e simpático do P. Pompeu cativou a alma nordestina: muitos irmãos têm uma história para contar, recordando encontros pessoais, eventos, decisões estampadas na memória coletiva desta Inspetoria como sinal positivo de um caminho sereno de fidelidade apostólica ao nosso Pai Dom Bosco.

A Inspetoria do Nordeste agradece à Divina Providência por tê-lo tido como mestre e animador primeiro e por ter descoberto e experimentado nele um coração grande, que foi se dilatando (até fisicamente, até morrer!) pela ternura e pelo afeto pra com a Congregação e para com os irmãos todos.

Nestes últimos anos, com atitude de avô sábio e feliz, recordava acontecimentos e pessoas com vivacidade de detalhes e curiosidades amenas e jocosas. Suscitava espontaneamente no ouvinte a sensação de estar diante de um Patriarca, rico de anos e de méritos, saboreando já alegria da coroa da vitória.

Uma corrente de oração, de sufrágio e de ação de graças, está acompanhando este grande Irmão para o encontro beatífico, onde poderá colher na glória 'o fruto das boas obras' (Dom Bosco)".

Do P. Raimundo Ricardo Sobrinho,
vice-inspetor do Nordeste:

"Guardo feliz recordação de sua passagem pelo Nordeste. Homem de convicções amadurecidas e personalidade formada: calmo, ponderado no falar e muito humano no trato com as pessoas. Ciente das responsabilidades que lhe advinham do cargo e ao mesmo tempo firme nas decisões tomadas, o P. Pompeu assumiu a animação da nossa Inspetoria no sexênio difícil de 1964 a 1969, empenhando, de par com a rica experiência de vida salesiana, também seus raros dotes de inteligência e prática administrativa.

Todos tivemos oportunidade de experimentar da nobreza de sentimentos que sempre caracterizaram nele o homem, o religioso e o sacerdote salesiano.

Da leitura assídua lhe provinha a extraordinária lucidez no enfrentamento dos problemas que a missão impõe...

Quando de minha ordenação, em 1965, pude perceber nele gestos concretos de atenção e bon-

dade... o certo é que, sentindo muito a sua ausência, sentimo-nos agradecidos a Deus pelos ricos anos de nosso convívio aqui no Nordeste. Sua estada entre nós coincidiu com uma tirada difícil na vida da Igreja e do país, mas teve ele iluminada sabedoria e tática na compreensão e condução dos acontecimentos.

Por sua fé, por sua fidelidade, pelo seu grande amor a Jesus Cristo e a Dom Bosco, por sua abertura pastoral e tino organizativo, queremos nós Salesianos desta Inspeção, agradecer o dom de sua vida e o serviço generoso que dispensou à causa salesiana deste Nordeste que ele muito amou e sempre desejou rever... Já aqui a sua vida esteve marcada pela presença da cruz pesada da enfermidade. Sabíamos que ele sofria, mas soube acolher a dor e fazer dela a mestra de sua vida".

Do P. Tiago Gallo:

"No P. Pompeu admirei sempre a serenidade, a prudência e a bondade na maneira de enfrentar o serviço da autoridade.

Falava pouco e sem levantar a voz, tomava as decisões necessárias e procurava dialogar. Tinha o hábito da leitura e aproveitava para enriquecer de bom conteúdo as suas palestras e pregações.

Uma qualidade que o P. Pompeu manifestou durante toda a sua vida foi a da bondade em forma de serviço, particularmente para com os enfermos. Na Casa Inspeção de Belo Horizonte, onde passou seus últimos anos como ecônomo e diretor, embora ele mesmo precisasse de cuidados especiais, atendia com dedicação os doentes e os hóspedes".

Do P. João Bosco Monteiro Maciel,
ex-inspetor do Mato Grosso.

"A Comunidade Salesiana do Instituto São Vicente - Campo Grande, MS, com profundo pesar, une-se aos irmãos da Inspeção São João Bosco, neste dia do falecimento do inesquecível P. Geraldo Pompeu de Campos.

Agradecemos a Deus pelo grande bem que ele realizou em prol da nossa Inspeção quando aqui exerceu o ministério da animação e governou como Inspetor, ao mesmo tempo pedimos ao Senhor da messe que envie às nossas Inspetorias bons operários da têmpera desse grande homem salesiano e sacerdote".

Em memória do P. Pompeu de Campos:
Edos Empregados da Missão Salesiana de Mato Grosso.

"Unimos nossa saudade ao sentimento que enluta essa Comunidade Salesiana. Nós, empregados (leigos colaboradores) da Missão Salesiana de Mato Grosso, conhecemos um religioso exemplar, um sacerdote iluminado, um pai e amigo. A memória do P. Pompeu confunde-se com um período fértil da história dessa Inspeção.

Foi-se o homem, mas entre nós permanece a força de sua obra!"

Padre Manoel Leal,
Vigário-provincial, em nome do Inspetor de Portugal, ausente.

"Desejo transmitir aos Irmãos dessa Inspeção de Belo Horizonte e, sobretudo da Casa Ins-

petorial de Belo Horizonte, o sentir fraterno dos Irmãos de Portugal, e de oração pelo caro P. Geraldo Pompeu de campos. Era conhecido por alguns de nós. E sobretudo deixa-nos um testemunho de um sacerdote salesiano exemplar".

De Paulo José, ex-aluno do Colégio Salesiano de Vitória:
09 de junho de 1997.

"Um grande Padre Mineiro. Mineiro legítimo e dos bons. Esse foi e sempre será um exemplo do verdadeiro mineiro. "P. POMPEU", como gostava e era por todos tratado, aparência tímida, acanhada, sempre cabisbaixo: suas únicas diferenças de uma ÁGUIA, pois tudo vida, nada lhe passava despercebido. Tinha sempre às mãos tudo de que necessitasse ou desejasse; respeitado por todos, imitado por muitos, dominava a difícil arte de lidar com o ser humano.

Cumpriu sempre sua mineirice: "FALAR POUCO, OUVIR MUITO, TUDO".

Mestre dos ensinamentos de Dom Bosco, de como lidar não apenas com os jovens, mas, sobretudo, com toda a humanidade.

Conhecedor profundo da OBRA SALESIANA, teve sempre carinho, dedicação e, disponibilidade por todas coisas Salesianas, do menor ao mais importante documento. Sabedor de suas limitações recebeu do Salesiano de Vitória, por ocasião do cinquentenário, nos idos de 1993/94, convite para participar das comemorações e encontros com colegas e amigos dos seus tempos. Respondeu com carta emocionante que, lida para os presentes, muitos não se contiveram, tamanha a saudade do grande amigo.

Com a chegada em Vitória, em 1996, dos atuais diretores P. Jayme e P. Sírio, novamente convidado, desta feita para ENCONTRAR PELA PRIMEIRA VEZ NESTA CASA, OS EX-ALUNOS, com sua peculiar simplicidade e firmeza respondeu: "O coração que tanto vos ama é o mesmo que me impede de comparecer a esse grandioso evento".

Seu coração agora ainda maior, está e estará sempre conosco. Como bem define outro mineiro, Milton Nascimento, Amigo é mesmo, *'Coisa pra se guardar, no lado esquerdo do peito, dentro do coração'*".

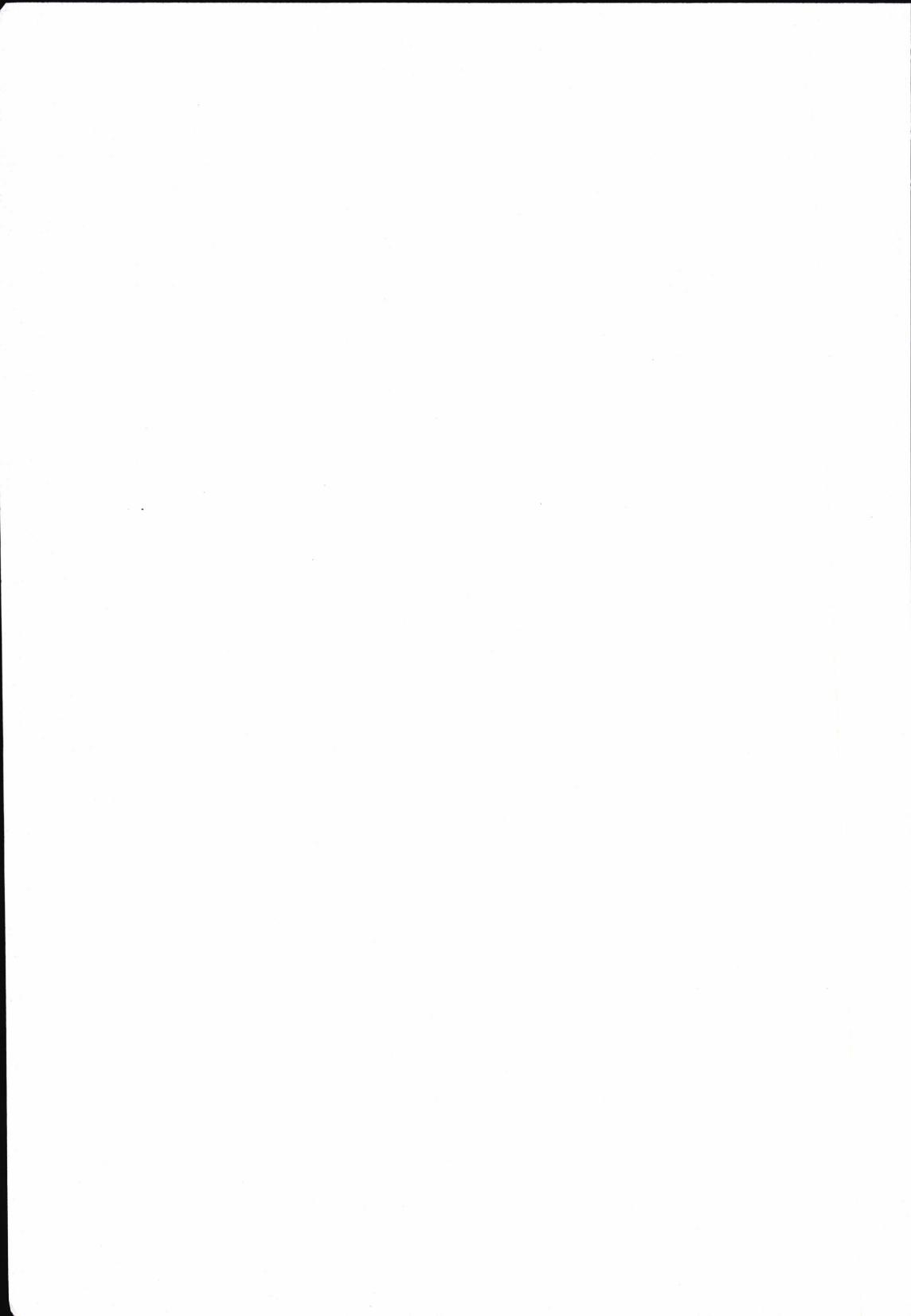
DADOS PARA O NECROLÓGIO

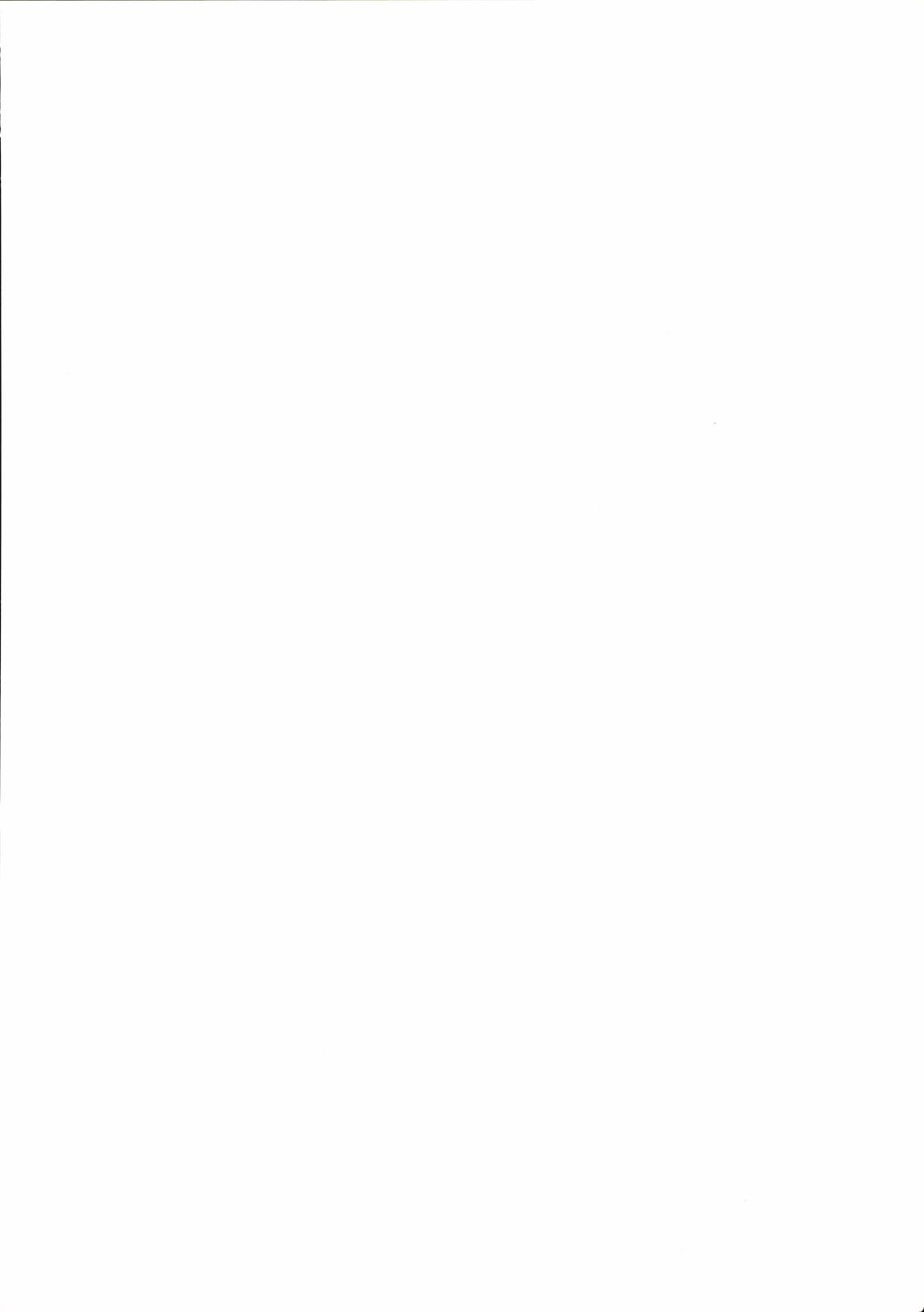
P. GERALDO POMPEU DE CAMPOS

☆ Carandaí-MG, 15 de dezembro de 1916

† Belo Horizonte-MG, 3 de junho de 1997, com 80 anos.

Foi diretor por 19 anos e inspetor por 12 anos.





DADOS PARA O NECROLÓGIO

P. GERALDO POMPEU DE CAMPOS

☆ 15 de dezembro 1916

† 03 de junho de 1997

SALESIANOS
Impetoria São João Bosco